

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

301

Mês: Julho

Ano: 2024

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

A inteligência artificial ressuscita Machado de Assis

A Academia Brasileira de Letras usou a Inteligência Artificial para trazer o escritor Machado de Assis para o século XXI. A figura ilustre do escritor, falecido em 1908, passou a recepcionar os visitantes, por meio de uma tecnologia de *avatar humanizado*. Imagine ter a oportunidade de conversar com o escritor. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Não temos limite para as surpresas que nos reservam a ciência e a tecnologia. A cada dia um fato notável – e assim o progresso caminha. Isso beneficia sociedades inteiras, como a mídia registra. O que se reflete em nosso país, na medida do possível, registramos aqui em nosso JORNAL DE LETRAS, onde está também a opinião de cabeças privilegiadas do Brasil. Outro fato que faz parte da nossa tradição é a presença das entrevistas que realizamos no programa *Identidade Brasil* (Canal Futura), que circula no Brasil inteiro. Isso enriquece o nosso jornal e, naturalmente, beneficia os nossos leitores. Entre os entrevistados, registramos a presença do avatar de Machado de Assis. Esse evento teve enorme repercussão.



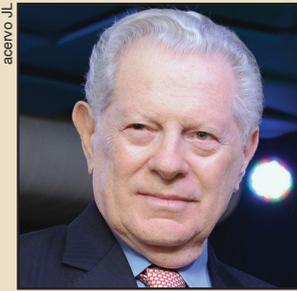
Posse da Conselheira Olga Simbalista, na Academia Nacional de Engenharia.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



A ética na inteligência artificial

Pela primeira vez, o Tribunal Superior Eleitoral propôs a formulação de regras objetivas para utilizar a inteligência artificial (IA) nas próximas eleições. Era uma necessidade da qual não se poderia prescindir. Quem descumprir regras de transparência poderá sofrer punições de todo tipo.

Assim se vê que a IA é uma ferramenta que não é só útil para produzir resumos, organizar informações e construir textos do cotidiano. Suas virtualidades vão além e será uma grande atração no ano de 2024. O GPT-5 virá cheio de novidades. Estamos próximos da existência de agentes inteligentes, dos quais devemos cobrar um comportamento ético de primeira ordem. Deve-se conter, em limites apreciáveis, o uso disseminado da ferramenta. Sob esse aspecto, não se quer a manipulação de eleições, pois isso seria um retrocesso.

O que se sabe é que a IA pode (e muito) ajudar a restaurar a humanidade essencial. E na Medicina, como no caso das arritmias cardíacas, lesões cutâneas e infecções, por meio de *Chatbots*, a IA responde a perguntas de saúde, aliviando o trabalho de médicos e demais profissionais da área. Eles ficam com mais tempo para cuidar dos seus afazeres.

É claro que a IA tem desdobramentos éticos inevitáveis. Pensemos na questão da privacidade. Devemos proteger os seres humanos de explorações indesejadas. O seu uso poderá provocar a substituição de empregos tradicionais. Isso deve acontecer de maneira cuidadosa.

Pode-se resumir essa contribuição para um futuro mais inclusivo, com a esperança de que os algoritmos não reforcem preconceitos. Isso seria altamente indesejável. O exercício da ética será essencial, no desabrochar de todo esse processo.

A ciência assinala progressos diários na matéria, como a versão gratuita, disponível em 170 países, inclusive o Brasil. Já o Google desenvolveu três versões do Gemini: Ultra, Nano e Pro. Serão úteis nos desafios de raciocínio, linguagem, matemática, programação e conhecimentos gerais.

Quem poderia sonhar com tantas conquistas, há 10 ou 15 anos atrás? E há muito o que se esperar de tantos e tão competentes cientistas do mundo inteiro que nos surpreendem a cada momento.

“A missão da comédia é representar em geral todos os defeitos do homem, e, em particular, dos homens de nosso tempo.”

Moliere

O protagonismo do Rio em exposição inédita na Casa Roberto Marinho

Por Manoela Ferrari



Tarsila do Amaral, *Marinha com Pão de Açúcar*, 1945.

O público tem até o dia 21 de julho para apreciar a exposição inédita *Rio: desejo de uma cidade | 1904-2024*, na Casa Roberto Marinho, no Cosme Velho.

Trata-se de uma verdadeira ode à cidade, com obras de artistas de diferentes gerações e vertentes, tendo o Rio como protagonista. As fotografias e pinturas de 75 artistas brasileiros e estrangeiros em diálogo narram as complexidades e a diversidade cultural da capital fluminense nos últimos 120 anos.

Sob a curadoria de Lauro Cavalcanti, Marcia Mello e Victor Burton, com consultoria do executivo Jorge Nóbrega (ex-presidente do Grupo Globo), do colecionador Luiz Chrysostomo e do arquiteto Pedro Mendes da Rocha, a mostra antecipa as celebrações dos 460 anos de fundação da cidade.

Partindo da data de nascimento do jornalista e empresário Roberto Marinho (1904-2003), que faria 120 anos em 2024, a coletiva exhibe 139 peças e outras 46 obras ampliadas e plotadas nas paredes do instituto.

Há também desenhos, esculturas, vídeos, maquetes, peças de design, cartazes e publicações apresentados em oito núcleos expositivos que expresam a complexidade e a diversidade cultural da Cidade Maravilhosa. *Corpo, Morar, Festejar, Concentrar, Aeroporto, Projetar, Construir e Lembrar* são os eixos temáticos propostos pela curadoria, que ajudam a percorrer essa trajetória tão rica em manifestações e memórias.

Já no hall de entrada, o visitante ouve os versos da canção *Outono no Rio*, de Ed Motta: “Há um lugar para ser feliz, além de abril em Paris, outono, outono no Rio.” Na primeira sala está a pintura *Jardim de pedras* (1993), de Cristina Canale, diante da fotografia *Perfil do Rio visto do Parque da Cidade* (2006), de Renan Cepeda, acompanhada de uma citação de Quintana:

“Os túneis são meus lugares favoritos no Rio. Neles posso descansar de tanta beleza.” (Mário Quintana).

Obedecendo ao arco temporal proposto, a história desse território é narrada por meio de imagens e personagens. Como o padroeiro São Sebastião, que aparece na segunda sala, na pintura de Glauco Rodrigues, de 1983, exibida em diálogo com a escultura em ferro *Ofá de Oxóssi* (2024), do artista pernambucano Diogum.

Toda entremeada por textos informativos, a mostra – que reúne obras das Coleções Roberto Marinho, do Museu de Arte do Rio, do Museu Nacional de Belas Artes, Instituto Moreira Salles, Projeto Hélio Oiticica, Fundação Casa de Rui Barbosa, Cinemateca Brasileira e de colecionadores particulares – revela curiosidades históricas ao público. Em 1512, chegaram aqui os primeiros portugueses que, acreditando ser a Baía de Guanabara o estuário de um curso de água doce, chamaram-na de *Ria*, designação geográfica para tais lugares. Desse modo, o primeiro nome do local foi uma conjugação do verbo rir.

A exposição contempla, ainda, uma sala exclusivamente dedicada à produção do compositor e pintor carioca Heitor dos Prazeres (1898-1966), que retratou como poucos o cotidiano do Rio, com cinco telas que pertencem ao acervo da Casa.

A literatura também está presente. Seja através do quadro pintado por Clarice Lispector ou dos poemas que acompanham algumas obras. Entre eles, *Copacabana*, de Vinicius de Moraes; *Os inocentes do Leblon*, de Carlos Drummond de Andrade; *Noite carioca*, de Ana Cristina Cesar; e *Botafogo*, de Murilo Mendes. A crônica *De Cascadura*

ao Garnier, escrita em 1922 por Lima Barreto, e o texto *A alma encantadora das ruas* (1908), de João do Rio, nos ajudam a compreender o espírito da cidade.

Entre outras curiosidades que o visitante encontrará estão partituras de Heitor Villa-Lobos, croquis de Oscar Niemeyer, um autorretrato de

Noel Rosa, de 1937, e fotografias de expoentes como Cartola, Chiquinha Gonzaga e Grande Otelo. Trabalhos do carioca Allan Weber, que resultam da pesquisa do artista sobre as lonas usadas nos bailes funks do Rio, expressam a força estética da cultura produzida na periferia. A seleção inclui, ainda, duas obras dos contemporâneos Marcos Chaves e Victor Arruda, criadas especialmente para a ocasião.

No núcleo *Corpo*, a curadoria reservou uma surpresa entre as pinturas e fotografias: uma TV exibirá imagens do finado *Canal 100*, o cinejornal fundado em 1957 pelo produtor Carlos Niemeyer. Quem frequentou as salas de cinema cariocas entre as décadas de 1950 e 1980 sabe que, antes dos filmes, passava um cinejornal com visão documental, que apresentava imagens em câmera lenta dos principais jogos da rodada.

Como atividade paralela, uma mostra temática sobre o Rio estará em cartaz tanto no cinema da Casa Roberto Marinho quanto na plataforma Globoplay, aberta gratuitamente a não assinantes. Em clássicos como *Memórias do cárcere* e *Rio 40º graus*, de Nelson Pereira dos Santos; *Central do Brasil*, de Walter Salles; *Quando o carnaval chegar*, de Cacá Diegues; e *O mistério do samba*, de Lula Buarque de Hollanda e Carolina Jabor, são apresentadas diferentes perspectivas sobre a cidade.

Completa a exposição multimídia uma cronologia ilustrada por charges e publicações de jornais, que ocupa a última sala. Resultará do programa expositivo um catálogo organizado pela equipe da Casa Roberto Marinho, com a colaboração do curador literário Augusto Guimarães Cavalcanti. A publicação, em português e inglês, incluirá reproduções de obras e textos inéditos da curadoria.

A direção do instituto informa que, às quartas-feiras, a entrada é gratuita para todos os públicos. Aos domingos, a Casa pratica o “ingresso família” (R\$ 10) para grupos de quatro pessoas.

SERVIÇO:

Rio: desejo de uma cidade | 1904-2024

Abertura: 11 de maio de 2024, das 12h às 18h

Encerramento: 21 de julho de 2024

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, nº 1105 – Rio de Janeiro | RJ Tel: (21) 3298-9449

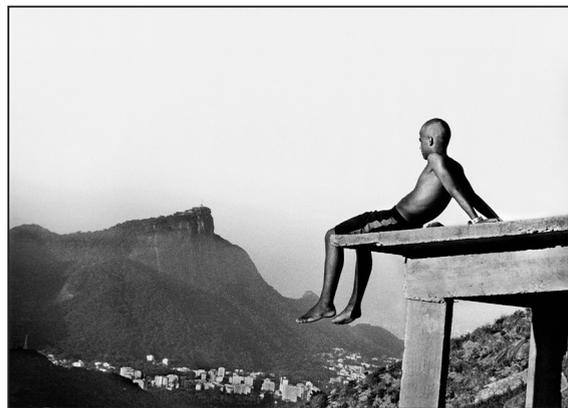
Visitação:

terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h.)

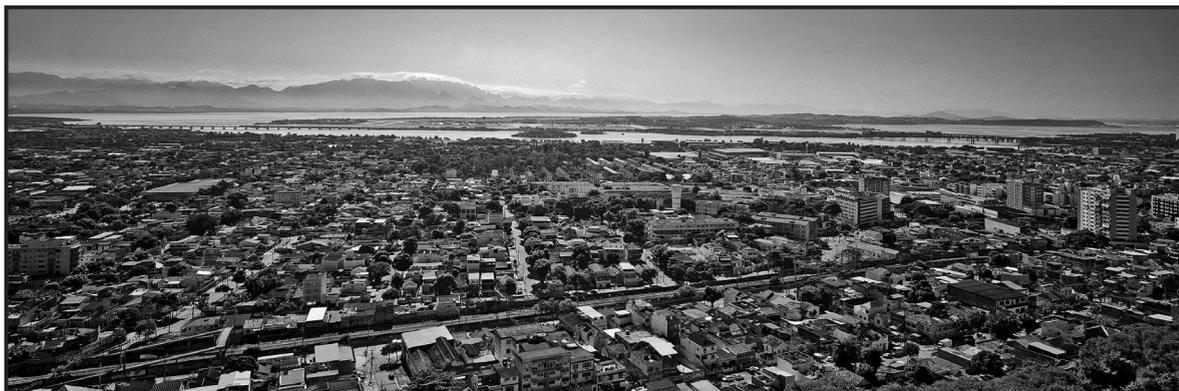
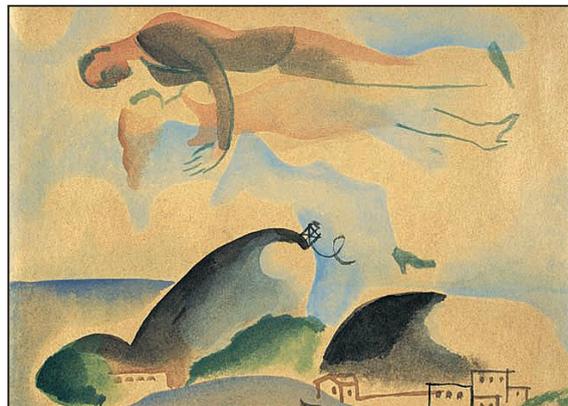
Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)



Sentado no alto do morro, André Cypriano, 1999.

Aquarela de Ismael Néry, Baía da Guanabara, ICRM.



Vista da Igreja da Penha, Céar Barreto, 2011.

● EM COMEMORAÇÃO AO aniversário do saudoso Bartolomeu Campos de Queirós, que completaria 80 anos em 25 de agosto, a Editora Global lançou três novas edições do autor em seu catálogo: *Sei por Ouvir Dizer*, *Ararinha-azul* e *Correspondência*.

● *CAFÉ COM DEUS PAI* (Editora Vélós), do pastor Junior Rostirola, natural de Itajaí (SC), é o grande vencedor do *Prêmio PublishNews 2024* de livro mais vendido do ano. O número total de exemplares vendidos até o momento já ultrapassou dois milhões.

● O 3º CONCURSO INTERNACIONAL DE ENSAIOS – *Prêmio Gilberto Freyre 2024/2025* está com inscrições abertas até 30 de novembro. Promovido a cada dois anos pela Fundação Gilberto Freyre, esta será a décima edição e a terceira no formato internacional.

● *NUTRIR: RECEITAS SIMPLES PARA CORPO E ALMA*, segundo livro de Giselle Bündchen pela editora BestSeller, reúne as práticas presentes na rotina da modelo e seus efeitos sobre a saúde.

● VENCEDOR DO PRÊMIO *Casa de las Américas* (incluído na lista da *Folha de São Paulo* como o sétimo entre 200 livros mais importantes para entender o Brasil), *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves, ganhou edição especial da Record.

● A EDIÇÃO FRANCESA DE *Torto Arado* (*Charrue tordue*, publicada lá pela Editora Zulma), de Itamar Vieira Junior, foi a vencedora do *Prêmio Montluc Résistance et Liberté*.

● *UMA FAMÍLIA FELIZ*, filme que estreou com sucesso, tendo como protagonistas Grazi Massafera e Reynaldo Gianecchini, é uma adaptação da obra homônima escrita por Raphael Montes.

● *QUEDA LIVRE* (Ed. Intrínseca), de Chico Otávio e Isabela Palmeira, vai virar filme em

2025. A produtora Morena Filmes, de Mariza Leão e Tiago Rezende, comprou os direitos da obra para o cinema.

● NA NOVA EDIÇÃO DE *Ferrari: O homem por trás das máquinas* (Ed. BestSeller), inédita no Brasil, o autor Brock Yates acrescenta informações sobre a trajetória da empresa após a morte do fundador, mergulhando fundo na vida do empresário e trazendo mais fotos.

● VERSOS RIMADOS EM MEIO a ilustrações da fauna brasileira são elementos da obra *Solução do Peixe-boi* (Ed. VR), lançado em formato de cordel pelas pernambucanas Mari Brigio e Joana Lira.

● A ATRIZ MONIQUE CURI comemorou 5 décadas de vida lançando *A Virada de Chave* (Ed. Academia).

● *ESCREVER SEM MEDO* (Ed. Planeta), de Jana Viscardi, doutora em Linguística da Unicamp, transporta para livro discussões das redes sociais.

● A COLETÂNEA *Fúrias* (Ed. Rocco) reúne contos feministas inéditos de 15 autoras premiadas – entre elas Margareth Atwood e Ali Smith.

● AO FOCAR SEU ROMANCE de estreia – *Avenida Beberibe* (Ed. Fósforo) – sobre uma área histórica do Recife, a pernambucana Claudia Cavalcanti retrata acertos e contradições de outras cidades brasileiras.

● NO LIVRO *Eu Queria Poder te Dizer* (VR Editora), o escritor canadense Jean-François Sénéchal e a ilustradora japonesa Chiaki Okada apresentam uma narrativa poética, com desenhos delicados, sobre o tema do luto na infância.

● *O MORENO FEZ BOBAGEM* (Ed. Myrha), de Luís Pimentel, é inspirado na vida atormentada do consagrado baiano Assis Valente, autor de clássicos como *Brasil Pandeiro*.

● O ARTISTA PLÁSTICO Eduardo Berliner produziu um con-

O SEDENTARISMO FOI MUITO MAL RECEBIDO...



junto de obras em diálogo com *O Homem da Areia* – narrativa de E. T. A. Hoffmann –, traduzindo o fantástico desse clássico alemão para uma edição especial, lançada pela Ubu.

● *BELOS FRACASSADOS*, escrito às vésperas da guinada do autor Leonard Cohen rumo à música pop, ganhou tradução de Daniel Benevides para a editora Todavia.

● NA COLEÇÃO *Meu Primeiro Black Power*, com ilustrações de Leonardo Malavazzi, Orlando Nilha apresenta biografias de personalidades brasileiras que marcaram a luta contra o racismo.

● EM *A SEGUNDA MÃE* (Ed. Todavia), a paulistana Karin Hueck vai além dos dramas de maternidade, ao unir clima gótico e trama distópica, levantando uma discussão de gênero surpreendente.

● ORIGINÁRIA DO POVO MARAGUÁ, Ikahê Adean apresenta, em *Kunumã*, a história de um curumim apaixonado pelas estrelas. A obra, da Editora Globinho, traz belas ilustrações de Bruna Lubambo.

● CONCEBIDO A PARTIR DE fotos do álbum da família da autora, *Era uma Vez um Quintal* (Ed. Palacave), de Andreia Prestes, conta a história de um dos líderes do Partido Comunista Brasileiro, João Massena Melo, perseguido na era Vargas.

● *CONTOS DE AMOR, DESAMOR, DRAMA E TRAGÉDIA NO RIO DE JANEIRO* (Ed. Urutau), livro de estreia da jornalista Marcella Sarubi, reúne 14 histórias com personagens femininas, ambientadas em diferentes bairros do Rio.

● UM MOSAICO DE 17 TEXTOS de autores afrodescendentes integra a coletânea *A força das Falas Negras* (Ed. Pallas), organizado por Sonia Rosa.

● PRIMEIRO ROMANCE DE Caetano W. Galindo, autor de *Latim em Pó* (Companhia das Letras), a obra *Lia* apresenta a personagem através de fragmentos, fazendo com que o leitor se sinta em meio a uma montagem de quebra-cabeças.

● EM *BIOGRAFIA DE UM OLHO* (Ed. Tabla), Ibrahim Nasrallah presta uma homenagem a Karima Abbud, primeira mulher fotógrafa do mundo árabe, nascida em 1893, na Palestina.

● *NA COZINHA* (Intrínseca), da chef Juliana Gueiros, apresenta de forma detalhada receitas práticas que a tornaram referência para milhares de seguidores nas redes sociais.

● *ALTOS E BAIXOS* (Ed. HarperKids) une a prosa suave e reflexiva da premiada Giovana Madalosso, estreando na literatura infantil, às ilustrações vividas de Ionit Zilberman.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Fedido

“Fernanda não queria ficar perto do primo, que estava mal-cheiroso.”

Não creio que estava fedorento, escrevendo assim. Não se emprega o hífen nas palavras compostas em que o advérbio **mal** se liga ao elemento seguinte iniciado por **consoante**. Ex.: **mal**disposto, **mal**falado, **mal**nascido etc.

Frase correta: “Fernanda não queria ficar perto do primo, que estava **malcheiroso**.”

Carro ruim

“Douglas achou o acento do avião muito desconfortável.”

Não poderia ser diferente. Veja: **Acento** e **assento** são palavras **homônimas imperfeitas**, ou seja, vocábulos com pronúncia igual (**homófonos**), mas com grafia diferente (**heterógrafos**).

Acento – inflexão de voz, sinal gráfico, tom de voz

Assento – base, lugar de sentar-se

Frase correta: “Douglas achou o **assento** do avião muito desconfortável.”

Gato preto

“Janaína tem medo dos gatos pretos, diz que eles dão asar.”

Gato voa? Da forma como ela redigiu, é a impressão que se tem. Veja:

Azar e **asar** são palavras parônimas, ou seja, vocábulos que apresentam semelhança de grafia e pronúncia, mas que diferem no sentido.

Azar – má sorte, casualidade, desgraça

Asar – guarnecer ou dispor de asas

Frase correta: “Janaína tem medo dos gatos pretos, diz que eles dão **azar**.”



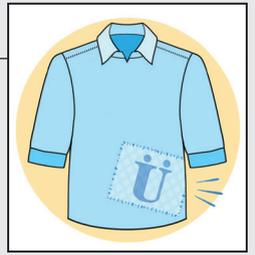
Encontro no bairro

“Márcio disse que vai ao Méier encontrar

Laís.”

Perfeito! Embora Méier seja uma palavra paroxítona com ditongo tônico – Méi-er, a nova regra do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa não se aplica nesse caso, pois a mesma termina em r.

Outra exceção: destrói-er.



Pagando errado

“Laiane comprou uma camisa da nova coleção e pagou com uma nota de cinqüenta reais.”

Esse pagamento não teve valor algum! Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, não se usa mais o trema nos grupos **gue, gui, que, qui**.

Período correto: “Laiane comprou uma camisa da nova coleção e pagou com uma nota de **cinquenta** reais.”

Atenção: o trema permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplo: Müller, Håagen-Dasz.

Creme ineficaz

“Rosângela comprou um creme anti-rugas muito caro.”

Não deve ter ficado com a pele boa... Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por r ou s. Nesse caso, duplicam-se essas letras.

Frase correta: “Rosângela comprou um creme **antirugas** muito caro.

Atenção

“Segundo a polícia, ele tentava atravessar havia quando foi atingido pelo carro.” Coitado! Veja: ambas formas possuem o mesmo som, mas grafias diferentes, aí está o erro.

Havia – pretérito perfeito do indicativo do verbo **haver**. Eu **havia**/ tu **havia**/ ele **havia**/ nós **havíamos**/ vós **havíeis**/ eles **havam**.

A via – caminho (terrestre, aéreo, marítimo ou fluvial) que liga duas localidades: vias transitáveis. Meio de transporte: chegou por via terrestre.

Fig. Meio de que se vale alguém para alcançar um fim: a **via** de convencimento.

Cada uma das cópias igualmente válidas de um documento: a primeira **via** de um contrato.

Espaço entre dois carris ferroviários; bitola.

Anatomia. Canal do organismo: **vias** aéreas.

Prep. Pelo caminho de: vai a Macau **via** Hong Kong.

Vias de fato, ações violentas, pancadas: os inimigos chegaram às **vias** de fato.

Frase correta: “Segundo a polícia, ele tentava atravessar **a via** quando foi atingido pelo carro.”

Pátrios e gentílicos

Por José Augusto Carvalho*

Os gramáticos costumam usar os termos *pátrio* e *gentílico* como sinônimos. Celso Cunha e Lindley Cintra, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, estabelecem uma distinção que alguns dicionários registram: os adjetivos que se referem a continentes, países, estados, cidades, municípios ou regiões são os pátrios. Os que se referem a raças e povos são os gentílicos. Os pátrios opõem-se aos ádvenas, isto é, aos não nativos. Infelizmente, aqueles autores não dão exemplos de gentílicos, mas apenas de pátrios.

Antes de prosseguirmos, convém-nos explicar o que significa a palavra *hiperônimo*. Hiperônimo é um nome mais genérico que se opõe a outro mais específico, chamado hipônimo. Por exemplo: cereal é um hiperônimo em relação a trigo ou a centeio; assento é hiperônimo em relação a cadeira, banco, poltrona, sofá etc. Já gato, por exemplo, é hipônimo em relação a felino, mamífero e animal; flor é hipônimo em relação a vegetal ou a planta, mas é hiperônimo em relação a rosa ou a lírio.

Podemos dizer, portanto, que o gentílico atua como hiperônimo de adjetivos pátrios, como *mesopotâmico*, por exemplo, que compreende diversas nacionalidades: assírios, caldeus, sumérios e babilônicos. *Semita* é um gentílico que engloba vários nomes pátrios, como hebreus, assírios, aramaicos, fenícios, palestinos e árabes. *Ameríndio*, *ameríncola* e *amerígena* são hiperônimos de brasilíndio, que é hiperônimo de tupi, xavante, goitacá ou tememinó. *Ameríndio* é um gentílico, um hiperônimo, cujo significado abrange tanto os maias, os incas e os astecas quanto os sioux ou os navajos americanos e os tupinambás brasileiros.

Judeu, originalmente designativo do adepto do judaísmo (religião de Jesus Cristo), por força da tradição endogâmica, acabou por constituir um gentílico, o que nos permite falar em judeu brasileiro, judeu americano ou judeu húngaro. Assim, *judeu israelita* não constitui redundância, já que o primeiro elemento é gentílico, e o segundo é pátrio.

Malê é um gentílico que designa o escravo muçulmano procedente do Noroeste da África ou o seu descendente brasileiro. Malê, sinônimo de maliano ou malinês, é também o pátrio que designa o nativo de Mali, república da África Ocidental, antigo Sudão.

A propósito, o nome da cidade de Campos deveria ser Campos dos Goitacás e não dos Goytacazes. O Aurélio registra o singular “goitacá”, embora o *Houaiss* registre o singular *goitacaz*, com base parcialmente na grafia registrada por Theodoro Sampaio, no livro *O Tupi na Geographia Nacional* (3. ed. cor. e aum. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizizes Artífices, 1928. s. v. *Goytacaz*). Theodoro Sampaio, contudo, deve ter-se equivocado ao grafar *goytacaz*, porque dá como étimo a expressão “guay-atacá” (o indivíduo veloz, a gente andeja), e registra também a forma “Guaytacá”, no mesmo verbete. O –z final, certamente, é fruto de equívoco. Cf. Goiás, plural: Goiás.

Eis, por curiosidade, alguns pátrios reduzidos: luso, afro, anglo, sino (chinês), euro, franco, ítalo, nipo (japonês), teuto (alemão), austro, indo (indiano) e hispano (espanhol). Eis alguns pátrios interessantes: avaricense (Bourges), bagdali (Bagdá), bonaerense, buenairense (Buenos Aires), cairota (Cairo), bracaraense (Braga), cingalês (Ceilão), congolês (Congo), ebúrneo, marfinense (Costa do Marfim), curdo (Curdistão), olisiponense, lisboeta, lisbonense, lisboano (Lisboa), soteropolitano (Salvador)... Além, é claro, dos capixabas e dos canelas-verdes (os nascidos em Vila Velha, ES).

A propósito de gentílicos, o *Aurélio* registra o verbete *afro* como adjetivo, sem indicação de gênero, o que pressupõe tratar-se de adjetivo variável, ou como substantivo apenas masculino. O *Houaiss* registra *afro* como adjetivo e substantivo apenas masculino, e exemplifica: *moda afro*, *cabelo afro*, *comidas afro* (apesar de registrar o plural *afros*, para designar antigo povo da África). Essa é a orientação do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp), que também registra *afro* como adjetivo e substantivo apenas masculino (portanto invariável). O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa (equivalente à nossa Academia Brasileira de Letras), registra *afro* tanto como adjetivo quanto como substantivo variável (*afro*, *afra*). O *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, s. v.), registra o verbete *afro* também como adjetivo e substantivo, flexionado, com os seguintes exemplos: *carnaval afro*, *ritos afros*, *músicas afros*. O consulente fica sem saber a quem dar razão... Afinal, acredito que os responsáveis pelo Volp e pelos verbetes de nossos dicionários de língua não são isentos de erros.

*José Augusto Carvalho, mestre em linguística pela Unicamp e doutor em Letras pela USP, é autor de vários livros sobre língua portuguesa, entre os quais *Gramática Superior da Língua Portuguesa* (2011), *Pequeno Manual de Pontuação em Português* (2013), ambos em segunda edição, e *Estudos sobre o Pronome* (2016), todos pela Editora Thesaurus, de Brasília.

Uma Vila, um Velho Capitão

Por Manoel Goes Neto*

A terceira cidade mais antiga do Brasil, Vila Velha, celebrou seus 489 anos, em 23 de maio último, o dia da chegada de Vasco Fernandes Coutinho em 1535, ao litoral de sua capitania, doada pelo rei em 1º de junho do ano anterior. Fidalgo da Casa Real, Vasco Coutinho teria se destacado nas conquistas portuguesas na África e Ásia, conseguindo assim o título e também a doação da capitania. Prefiro usar o termo celebrar, rememorar (ao invés de comemorar), devido à polêmica do tema colonização. Temos sim que rememorar as conquistas desse Velho Capitão, na *Vila do Spiritus Sanctus*, primeiro nome dado às terras capixabas naquele ensolarado domingo de outono de Pentecostes.

Nascido em 1488, já estava com 45 anos quando desembarcou nas terras que seriam da Vila do Espírito Santo, hoje a nossa querida Vila Velha, com os seus 60 homens aventureiros, de índole duvidosa, conhecidos como degredados, ou seja, indesejáveis em solo lusitano, mas com a presença dos fidalgos de sua confiança, como também especialistas em ouro e pedras preciosas, haja vista as possibilidades de se ter ouro em terras de além mar. E assim, deu-se início à história de todos nós capixabas e canelas-verdes.

Após a travessia atlântica, aportou na Bahia em busca de lugar seguro e abrigável, onde poderia tomar posse da sua Capitania, que lhe

fora doada pelo Rei D. João III, terras virgens, onde a natureza falava sozinha, na plenitude da sua exuberância. Uma mata deslumbrante, com gigantescas árvores, a se balançarem com seus galhos seculares nas margens da baía, como se beijassem o mar de acordo com o fluxo das marés. Floração das árvores matizava o verde das florestas que tomavam literalmente as suas praias.

Dava-se início uma grande saga de 26 anos, em uma enorme capitania tendo urgência de ser povoada. Diversas vezes voltou a Portugal procurando recursos para poder também explorar o ouro do sertão (Minas), e nessas ausências, sem a sua liderança e justiça, os indígenas Goytacazes se revoltam, e destroem quase tudo que Vasco Coutinho teve que reconstruir por mais de uma vez. Faleceu, aos 71 anos, o velho capitão Vasco Fernandes Coutinho, mas os seus esforços não foram em vão. As duas povoações por ele iniciadas, Vitória e Vila Velha, são hoje orgulho de nós capixabas. Foi enterrado provavelmente em sua própria residência (na hoje Praia do Ribeiro, Praia da Costa) como era o costume da época.

Pouco mais de cem anos passados após o seu falecimento, Francisco Gil Nunes, primeiro Donatário da Capitania do Espírito Santo, após esta ter sido vendida pelos descendentes de Vasco Coutinho, mandou refazer a Casa da Câmara, em Vila Velha, e deu condigna sepultura aos ossos de Vasco Fernandes Coutinho, que estavam soterrados em uma arca. Temos também controvérsias quanto a esse fato. Historiadores dos tempos atuais afirmam que os ossos do velho capitão Vasco Coutinho estavam em Vitória, na Casa da Misericórdia, que foi demolida dando lugar à sede da Assembleia Legislativa do Estado. Como podemos observar pelos relatos históricos, é duvidosa a afirmativa de que Coutinho morreria na miséria, haja vista a sua família ficar à frente da Capitania do Espírito Santo por quase 140 anos, apesar das imensas dificuldades e mesmo assim alcançando relativo progresso. (Fonte: escritos de Willis de Faria).

*Manoel Goes Neto é escritor, produtor cultural e diretor no IHGES.

Pássaros

Por Raquel Naveira*

Incrível como os pássaros me visitam. Desde cedo ouço os seus pios na janela, como se quisessem conversar comigo numa linguagem que guarda o mistério da criação. São leves e rápidos esses mensageiros do céu. Um, pousado na amoreira, olhando-me de soslaio, parece um profeta de avental marrom e cabeça amarela.

O poeta Manoel de Barros (1916-2014) amava os pássaros. Corro até a estante e encontro o livretinho *Compêndio para Uso dos Pássaros*. Uma edição antiga, de 1960, da Livraria São José, do Rio de Janeiro. A capa ilustrada com um desenho, talvez de seu filho João, então criança. A primeira parte tem um subtítulo, *De meninos e pássaros* e inúmeras citações a aves do Pantanal, daqueles ermos por onde andavam o poeta e seu menino João: “Vi um rio indo embora de andorinhas”; “Nas ruas do vento brincavam passarinhos”; “... aquele cardeal, você viu? Fez um lindo ninho escondido bem”; “João chegava cheirando a pássaros com ilhas”; “o azul passava nas garças o seu céu”; “árvores praticavam sabiás”.

Sim, poeta, naquele tempo andorinhas marcavam a primavera e o verão. O cardeal amargava sua triste solidão. As garças esticavam com elegância seus longos pescoços de penas brancas e os sabiás bicavam laranjeiras em flor.

Neste abril chuvoso, folheio o livro *Poemas Tardios*, da escritora canadense Margaret Atwood (1939), talentosa em ficção e poesia. A capa, numa edição da Rocco, traz um rosto de mulher com retratos de três pássaros azuis, amarelos e pretos, talvez corvos, grous, gaviões ou melros, não sei. A própria autora nos explica em carta aos seus leitores: “E pássaros. Há mais aves nestes poemas do que nos livros anteriores. Desejo que haja ainda mais pássaros no próximo livro de poemas, deve haver um, e também desejo que existam mais pássaros no mundo. Que possamos ter esperança.”

Há mesmo muitos pássaros nesse livro: aves cujos nomes não desapareceram, pois os pássaros não precisam dos nomes perdidos; corvos como sinal (talvez de guerra, imagino eu diante das más notícias); o colhereiro no musgo verde, entre velhos salgueiros; o albatroz voando alto sobre o mar limpo; pássaros com asas de anjos e anjos com garras; um tordo de voz adorável; uma pluma cortada e afiada que virou pena de tinteiro. E, finalmente, o poema mais lindo de todos que começa assim: “Se os pássaros fossem almas humanas, qual pássaro seria você?” E termina: “Sei que você não é um pássaro embora tenha voado para longe, muito

longe. Eu preciso que você esteja em algum lugar...” Doe! Em que lugar estará minha filha passarinho que voou para longe? Preciso ouvir a voz dela, saber onde está, neste exato momento.

A pergunta ficou ecoando dentro de mim: que pássaro seria eu? Uma coruja noturna, cheia de sabedoria? Uma águia inflada de vitória e autoridade? Um beija-flor alegre e satisfeito com o mel das flores? Um pintassilgo com uma mancha vermelha de sangue no peito? Uma galinha sentindo falta de seus pintinhos para cuidar? Um pavão com olhos e estrelas na cauda? Um cisne cantando até a morte na expectativa de alcançar a vida eterna?

De todos os pássaros, o que me representa é o rouxinol, doce e queixoso, com seus afinados hinos de amor, saudade e dor, anunciando um novo dia.

Escrevi:

Rouxinol

Não seria capaz de reconhecer um rouxinol...

Será um pássaro roxo?

Terá na garganta um sol?

De onde veio o rouxinol?

Da China?

Da montanha azul?

Do primeiro arrebol?

Como voa um rouxinol?

Alto, sobre as montanhas?

Baixinho, contornando o rio,

O prado que parece um lençol?

Como canta um rouxinol?

Com notas suaves?

Com tons de outono

Como alguém muito só?

Se abraisse a janela

Teria chance de ver entrar um rouxinol?

Será que ele pousaria sobre a caixinha de música

Ou sobre o meu cabelo em caracol?

Um pescador desavisado,

Que nunca tivesse visto um rouxinol,

Poderia confundir-lo com um peixe

Debatendo-se na ponta do anzol?

Quem faz da saudade,

Da dor,

Da melancolia

Um grande rol,

Deve trazer no peito

A pena de um rouxinol.

*Raquel Naveira é membro da Academia Matogrossense de Letras.

J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



EM AGOSTO NOS VEMOS



Romance póstumo e inédito de Gabriel García Márquez, *Em Agosto nos Vemos* (Ed. Record) é um hino à vida, ao desejo feminino e à resistência do prazer apesar da passagem do tempo. Um presente do vencedor do Prêmio Nobel de Literatura para o mundo, foi lançado este ano, simultaneamente em 41 idiomas, na data em que o célebre autor colombiano faria 97 anos. A edição em capa dura, com 132 páginas, com tradução de Erick Nepomuceno, traz fac-símiles do manuscrito original, escrito no estilo fascinante e inconfundível de um dos maiores ícones da

literatura latino-americana. Considerado o mestre do realismo mágico, García Márquez é um dos autores mais importantes do século XX e tem quase 3 milhões de livros vendidos só no Brasil. Nascido em 6 de março de 1927, na aldeia de Aracataca, na Colômbia, autor de alguns dos maiores romances do século XX, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982. Entre suas principais obras estão *Cem Anos de Solidão*, *O Amor nos Tempos do Cólera*, *Crônica de uma Morte Anunciada*, *Doze Contos Peregrinos*, *Ninguém Escreve ao Coronel* e *Memória de minhas Putas Tristes*. O escritor morreu em 17 de abril de 2014 na Cidade do México.

SÓ COM A GENTE

A obra *Só com a Gente* (Ed. Bebel Books), de Helô D'Angelo, é um bem-humorado e sincero diário de bordo em quadrinhos, onde a autora registra, também, memórias de infância e capta a essência do que significa amadurecer junto com irmãos. A divertida aventura das irmãs mochileiras pelo Deserto do Atacama, no Chile, foi toda desenhada em tempo real, em aquarela, ao longo dos passeios. A obra foi a única em quadrinhos a vencer o Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura Produzida por Mulheres



– 2023, entre 61 inéditas contempladas. Este ano, com ajuda do prêmio, a edição ganhou as livrarias, com prefácio do jornalista Zeca Camargo. Helô D'Angelo é ilustradora e quadrinista, com trabalho focado em tiras e charges políticas sobre direitos humanos, cotidiano e saúde mental. É autora dos livros em quadrinhos *Dora e a Gata* (2019), *Isolamento* (2020), *Nos Olhos de Quem Vê* (2022) e *Pequeno Manual de Defesa Pessoal* (Bebel Books, 2022), que este ano será publicado também na Bolívia e no Myanmar. Coeditou a coletânea *Boy Dodói* (Bebel Books, 2023) e está presente em outras coletâneas. Seus quadrinhos e ilustrações são publicados em veículos como *Le Monde Diplomatique*, *Huffington Post*, Agência Pública, Az Mina, entre outros.

TODAS AS MINHAS MORTES

O romance autoficcional *Todas as minhas Mortes* (Grupo Editorial Citadel) marca a estreia da multitalentosa fotógrafa e artista plástica Paula Klien na literatura. O romance autoficcional rompe com as formas tradicionais de comunicação e pensamento. A narrativa aciona gatilhos mentais para prender a atenção dos leitores. A autora aborda assuntos complexos da trajetória ontogenética com franqueza explícita. Num carrossel de esperanças, desencantos, questões morais do feminino e momentos tenebrosos, as *mortes* que marcam a vida da protagonista conversam com as nossas sombras e revelam a força da maternidade. Centrada na personagem Laví – cujo nome é uma alusão à expressão francesa *La vie* (ou *A vida*, em português), da infância à pós-menopausa, mostra descobertas pessoais e experiências tratadas sem rodeios. Nascida em 1968, no Rio de Janeiro, Paula Klien é artista multidisciplinar com significativa projeção internacional no campo das artes visuais. Como artista plástica, trabalha principalmente com técnicas ancestrais. Também atuou como fotógrafa e diretora criativa durante dez anos. Muitas de suas obras estão em acervo de museus e coleções relevantes. Além disso, Paula foi uma das artistas pioneiras no campo da Cripto Arte e dos NFTs (tokens não fungíveis). A autora já tem ideias e títulos registrados para um segundo livro.



CANTARES RELIGIOSOS E LIRISMOS

Podemos classificar *Cantares Religiosos e Lirismos* (Fortaleza, 2024) como uma biografia afe-

tiva do autor, Comendador José Luís Lira. Os temas, divididos em 266 partes, se apresentam, em sua maioria, em forma de poemas. Recheada com belo material ilustrativo, além de acrescida por documentos, a obra exalta a fé religiosa, além de homenagear a terra natal (Ceará), os (muitos) locais visitados, a família e os amigos somados ao longo da trajetória, entre eles, os acadêmicos Rachel de Queiroz, sua madrinha, e Antônio Olinto. Doutor em Direito pela Universidade Nacional de Lomas de Zamora (Argentina), título reconhecido no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), possui graduação em Direito pela Universidade de Fortaleza (2001), especialização em Direito Constitucional pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2008), mestrado em Direito Processual Constitucional pela Universidade Nacional de Lomas de Zamora (Argentina). Advogado (OAB/CE. 15021). Jornalista profissional (Registro DRT-CE. nº CE-01459-JP). Atualmente é professor efetivo do curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú, integra várias entidades culturais, entre elas, Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará; Academia Fortalezense de Letras; Sociedade Cearense de Geografia e História; Academia de Letras e Artes do Ceará e Academia Cearense de Hagiologia.

A VIDA NÃO TEM SENTIDO

A Vida Não Tem Sentido (Ed. iVentura, 2023) ratifica o multitalento artístico da professora Marlene Blois. Generosa na fluidez da sua escrita, a obra permite ao leitor participar da vivência dos personagens, revivendo um passado contextualizado histórica e geograficamente. O romance se passa em municípios do estado do Rio de Janeiro, com peculiaridades nas quais os personagens transitam. O narrador apresenta e explica o seu papel na história. Ao leitor, cabe interferir na interpretação, de acordo com a sua própria sensibilidade, concluindo se a vida tem ou não sentido. A narrativa delicada expõe sentimentos universais, resultando numa obra firme, onde as palavras surgem como potência para demonstrar a incrível força de superação dos obstáculos que vão surgindo. Marlene Blois é graduada em Português-Literatura, mestra em Tecnologia Educacional, livre docente em Comunicação Social-Televisão e Rádio, radialista e professora do estado do Rio de Janeiro e da UFRJ. Sua atuação na área de Comunicação e Educação a Distância extrapola as fronteiras do Brasil. É autora do livro *Reencontros com Paulo Freire e seus Amigos* e coautora de livros técnicos e didáticos para alunos e professores do ensino fundamental. Na TVE-Rio e na Rádio MEX, coordenou, produziu e apresentou inúmeros cursos educativos.



A VIRADA DE CHAVE

Na obra *A Virada de Chave* (Ed. Academia, 2024), Monique Curi aborda temas como amor-próprio, envelhecimento, empoderamento feminino, empreendedorismo, relacionamentos e a busca por um propósito. Além disso, comenta, de maneira muito franca, sobre momentos “fundo do poço”, como ela mesmo chama, quando viveu transtornos alimentares e um relacionamento abusivo. Monique relembra alguns papéis negados em novelas, entre outros problemas. Além de abordar situações sobre como descobrir seu propósito. Monique Curi é atriz, jornalista, palestrante e empresária. Nasceu em Belo Horizonte, em 1968, e mudou-se para o Rio de Janeiro ainda nova, onde deu início a sua carreira de atriz, na publicidade. Aos 10 anos, ingressou de fato na televisão, fazendo novelas e peças de teatro, por décadas. Após ter sido negada para um papel aos 50 anos, decidiu que se reinventaria. Entendeu a força que tinha para ressignificar a sua trajetória, decidiu parar de esperar convites para trabalhar e criou seu canal no YouTube, onde posta vídeos que abordam temas como autoestima, etarismo, empoderamento feminino, empreendedorismo e liberdade financeira, sempre aludindo à própria história de vida. Através de suas redes sociais e de suas palestras por todo o Brasil, inspira milhares de mulheres diariamente. *A Virada de Chave* é seu primeiro livro.



**GULNAR AZEVEDO E SILVA**

Os problemas da UERJ

Arnaldo Niskier: Hoje, com um prazer imenso, entrevistamos a

professora **Gulnar Azevedo Silva**. Ela é reitora, a segunda reitora na vida da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que é uma das mais importantes do país. É especializada em medicina social. Ela trabalhou e trabalha pelo Instituto Hesio Cordeiro, de Medicina Social, que eu acompanhei na universidade quando foi criado pelo Conselho Universitário. Muito obrigado pela sua presença aqui entre nós. Do que cuida o Instituto de Medicina Social?

Gulnar Azevedo e Silva: Em primeiro lugar, é uma honra estar aqui. Muito obrigada pelo convite, meu colega professor acadêmico, muito bom poder conversar aqui com vocês. O Instituto de Medicina Social, que hoje se chama Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, trabalha com toda a área da saúde coletiva, que é cuidar da saúde das pessoas, mas pensar no aspecto coletivo. Então, nosso instituto tem três departamentos, que é um Departamento de Epidemiologia, departamento de que faço parte, o Departamento de Políticas e Planejamento e o Departamento de Ciências Sociais e Humanas e a Saúde. Então, é bastante amplo e, na realidade, é pensar que o Hesio trouxe para a nossa Universidade a visão de que começou como medicina social, trazer o aspecto social da medicina, sair um pouco da clínica individual e pensar o coletivo. É essa perspectiva, o pensamento crítico, a construção do conhecimento da área da saúde e pensar o que é que podemos complementar, o que a medicina faz só num aspecto mais individual.

Arnaldo Niskier: Essa é a ideia geral, entendi, acho que tudo se justifica. Agora, o Rio de Janeiro, o país, na verdade, está vivendo uma crise em relação à dengue, uma crise grave e importante. O que a Universidade pode fazer para mitigar um pouco essa crise?

Gulnar Azevedo e Silva: Bom, da nossa parte, eu sou médica sanitária, como o Hesio também era. A gente tem que entender que as medidas de saúde pública, que são medidas que têm base científica, medidas que garantem que a população possa se proteger, possa estar prevenindo infecções; é fundamental. Mas, no caso específico de epidemias, como a epidemia da dengue, a gente tem que entender que o trabalho não é só da área da saúde. A gente tem que trabalhar o planejamento urbano, a gente tem que trabalhar todas as condições de habitação, inclusive para que as pessoas possam não estar expostas ao mosquito, que é o vetor dessa doença. E o mosquito prolifera quando a gente não tem esse cuidado com a cidade, é fundamental que a saúde não seja um aspecto só voltado à medicina ou a própria área específica. A gente tem que trabalhar conjuntamente, tem que trabalhar a mobilidade urbana, os nossos espaços, têm que entender que isso é um trabalho de vários setores. A saúde é fundamental, a saúde pública.

Arnaldo Niskier: Isso tem acontecido na prática?

Gulnar Azevedo e Silva: Na prática, por exemplo, é um desafio enorme cuidar da dengue no Rio de Janeiro, uma cidade com a quantidade de população, muitas pessoas vivendo a vida precariamente. A gente vê o que acontece quando tem as chuvas, as enchentes. E tudo isso aliado às mudanças climáticas que favorecem a proliferação do mosquito. Então, é fundamental a gente ter uma participação de todos os setores que trabalham com perspectivas de promover a saúde para que as epidemias sejam controladas. A saúde sozinha não vai conseguir, no caso da dengue, de doenças transmitidas por vetores.

Arnaldo Niskier: Quero lhe perguntar uma outra coisa que preocupa a nós todos, que é o câncer, o combate a essa doença terrível que incomoda no mundo todo. Como é que as coisas se passam aqui no Rio de Janeiro em relação ao câncer?

Gulnar Azevedo e Silva: Essa é uma área que estudo há muitos anos, a epidemiologia do câncer. O câncer, na realidade, não é uma doença só, são várias doenças, vários tipos diferenciados de câncer. É importante que a população, inclusive, entenda isso. O câncer, em grande parte, pode ser prevenido se atuarmos na promoção, na prevenção de saúde com fatores bem específicos que a gente poderia trabalhar. Grande parte dos cânceres já diagnosticados podem ser tratados. Infelizmente, para aqueles casos em que a doença é uma doença agressiva, que o prognóstico não é bom, a gente pode ter uma coisa que acho que deve ser falado, melhorar a qualidade de vida. Então, atuando nessas três perspectivas, prevenindo, diagnosticando e tratando corretamente e cuidando da qualidade de vida das pessoas, a gente já teria um grande ganho. Mas qual é o problema maior? É uma doença que a gente tem cada vez mais percebido dificuldade de trazer pessoas para a detecção precoce, porque a sobrevivência do câncer, a perspectiva de ter uma boa resposta ao tratamento depende muito da detecção em situações de tempo.

Arnaldo Niskier: Em tempo hábil.

Gulnar Azevedo e Silva: Em tempo hábil. Hoje, o Sistema Único de Saúde, que é um sistema maravilhoso, eu defendo. O Hesio, inclusive, foi um dos grandes criadores do Sistema Único de Saúde, o SUS. Mas, o SUS não consegue hoje absorver todo mundo nesse tempo suficiente e dar o seu tratamento oportuno.

Arnaldo Niskier: Por que o governo federal não cuida?

Gulnar Azevedo e Silva: Temos problemas de financiamento, o financiamento do SUS é historicamente muito menor do que a gente precisaria. O câncer, todos os tipos são doenças que demandam muita complexidade na abordagem. Cada vez mais, vemos o gasto crescente da medicina. Então, tudo isso indica que temos que pensar o que que é necessário investir para que mais pessoas possam não só serem tratadas no tempo necessário, mas também possam ter uma

qualidade boa de vida, isso significa o orçamento. É uma outra questão que a gente tem que pensar, é uma necessidade que a gente vem trabalhando muito, inclusive na área de economia de saúde, é pensar que muito do que pode ser feito sobre o câncer, esses tratamentos caríssimos, que depende muito de indústria farmacêutica, de importação, podem ter uma perspectiva de produção nacional. Se investirmos recursos não só na assistência, mas também na pesquisa e na produção de medicamentos, teremos um ganho.

Arnaldo Niskier: Vejo que o Brasil tem institutos de extraordinária competência na questão dessas doenças mais complexas, como é o câncer. O Inca, por exemplo, é uma coisa extraordinária. Eu me lembro da gestão de Jacob Kligerman, que é meu primo, a mãe dele era Niskier, que eu tenho muito orgulho de dizer isso. Então, competência científica, técnica, tecnológica, acho que temos. Não temos tido muita sorte na obtenção de recursos para que essas coisas aconteçam e que elas sejam, enfim, levadas a termo. Dinheiro é tudo nessas questões e precisamos cuidar disso. Quero muito saber como é que a senhora sofre o problema do financiamento das atividades da UERJ, porque a UERJ é uma das cinco maiores universidades do país e já viveu crises incríveis por falta de recursos. E, hoje, nas suas mãos? A senhora tem uma grande experiência em medicina social e, naturalmente, vivendo as preocupações desse setor fundamental da nossa saúde, sabe o que representa essa dificuldade, sobretudo em matéria de dinheiro. Dinheiro é tudo ou não é nada nos tratos da nossa UERJ?

Gulnar Azevedo e Silva: Como o SUS, como eu já havia falado e que é historicamente subfinanciado, nossas universidades também são historicamente subfinanciadas. O ideal seria a gente atingir autonomia financeira, didática e administrativa. Percebemos a força dessa universidade em várias áreas, há várias pessoas muito atuantes e comprometidas. A UERJ tem esse quadro. Vivemos, também não é de hoje, antigamente era isso que acontecia, um financiamento muito menor do que todas as nossas necessidades finalísticas inclusive.

Arnaldo Niskier: Isso é coisa do Estado, não é?

Gulnar Azevedo e Silva: Exatamente. A gente depende do Estado do Rio de Janeiro. O financiamento que a gente recebe mensalmente é sempre inferior às necessidades. As necessidades são crescentes, porque a universidade cresceu, a universidade expandiu.

Arnaldo Niskier: Fui secretário de Estado no Rio de Janeiro quatro vezes e sempre fui instado a ajudar a minha universidade com os recursos financeiros possíveis. Chegava no segundo semestre, isso era sistemático, não tinha mais dinheiro para nada. Então, os reitores em exercício, seus antecessores, Ney Cidade Palmeiro, Caio Tácito, João Salim Miguel, foi meu professor de Física. Eles sempre me convocavam ao gabinete de reitor para dizer assim: "Arnaldo, vamos precisar da sua ajuda junto ao governador para que ele mande mais recursos para que possamos cumprir as nossas tarefas e as nossas obrigações." Sempre fui muito útil e muito presente nessas necessidades e fiquei sempre muito feliz, como egresso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de poder ajudar a Universidade com esses recursos de ações suplementares. Era assim que se chamava, é assim que se chama até hoje. A senhora imagina que vai precisar dessa ajuda no seu mandato.

Gulnar Azevedo e Silva: Com certeza.

Estamos com medo de acontecer a mesma coisa que acontecia nos anos anteriores. O recurso é insuficiente e não conseguimos pagar tudo que é necessário. Hoje, a universidade tem uma responsabilidade e é uma responsabilidade, inclusive, por lei federal, por lei estadual também, de garantirmos o percentual de alunos cotistas, que são alunos de baixa renda, que conseguem hoje estar no espaço estudando...

Arnaldo Niskier: Hoje, a lei garante.

Gulnar Azevedo e Silva: Ingressando no ensino superior, o que é muito bom, porque mudou a família desses estudantes que puderam ingressar e ter acesso à Universidade

Arnaldo Niskier: Foi uma coisa eminentemente democrática. Acho que a Universidade exerce um papel fundamental e que não pode ser abandonado, não pode ser deixado de lado.

Gulnar Azevedo e Silva: E a gente se orgulha muito da UERJ ter sido a primeira universidade brasileira que instituiu o sistema de cotas. Foi inclusive a nossa colega, a Nilcéa, a primeira reitora mulher. Ela foi a primeira que instituiu o sistema de cotas. Ela aproveitou a lei que foi aprovada no Estado do Rio de Janeiro e fez muito mais do que a lei previa. Foi muito importante a UERJ dar esse apoio para que os estudantes permanecessem na universidade.

Arnaldo Niskier: A senhora acha que, nesse ano, as coisas vão caminhar melhor?

Gulnar Azevedo e Silva: Por tudo o que estamos acompanhando e está vivendo, o Estado do Rio de Janeiro não está numa boa situação financeira. Estamos no regime de recuperação fiscal, o que significa que não podemos expandir, não podemos aumentar gasto. Isso significa para a universidade não contratar professores, não aumentar o nosso quadro. E a grande preocupação é podermos garantir, no tempo hábil, no tempo certo, o pagamento dessas bolsas que permitam aos estudantes estarem na universidade. Então, tudo isso é preocupante.

Arnaldo Niskier: Por que a recuperação fiscal para uma grande universidade? Como é que uma grande universidade, com milhares e milhares de alunos, muito bem situada no ranking nacional de Universidades, entra em recuperação fiscal?

Gulnar Azevedo e Silva: O Estado que está entrando pela negociação com o governo federal. Então, como dependemos do Estado, sofremos as mesmas consequências do que as outras instituições estaduais. Então, esse regime de recuperação fiscal, de uma certa forma, nos congela no que seria a necessidade de aumentar o nosso gasto. É preocupante sim, temos conversado bastante com o governo, temos mostrado que o trabalho das universidades é um trabalho que não só deveria ser considerado como essencial de prioridade, estamos formando pessoas para o desenvolvimento do Estado. Se podemos pensar que saúde e educação são direitos garantidos em nossa Constituição, deveríamos entender que são direitos também, que não deveriam estar dentro dessa recuperação, o que significa, de uma certa forma, cortes orçamentários. Temos feito esse trabalho, acho que o governo entende a importância da universidade e é importante que a população também entenda isso.

Arnaldo Niskier: A senhora sabe que trabalha, claro, numa universidade pública em que a gratuidade é um mito, não pode ser mexida. A gratuidade é uma coisa sagrada, vamos dizer assim. A senhora vê algum risco, em algum momento, de se pensar em pagar alguma coisa na universidade, por menor que seja?

Gulnar Azevedo e Silva: Dizemos que a

UERJ é uma universidade pública, popular e cada vez tem que mostrar mais essa sua competência, essa sua possibilidade de que todos cheguem a ela, possam ter o direito de estudar e de chegar ao ensino superior. Vejo que, se a gente pudesse, no Brasil, um país tão desigual, com tantas diferenças sociais, econômicas, com tantas pessoas que gostariam de estar na universidade, mas, pelas condições de vida, não conseguem chegar lá...

Arnaldo Niskier: Temos que continuar a falar sobre o papel da universidade no futuro da nossa economia, no futuro da felicidade do nosso povo. Estamos diante da reitora, a segunda reitora na vida da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Gulnar, esse nome, que não é muito familiar a nós, é brasileiro?

Gulnar Azevedo e Silva: Não, ele não é brasileiro, é iraniano.

Arnaldo Niskier: E onde é que seus pais foram buscar esse nome?

Gulnar Azevedo e Silva: A minha mãe tinha uma amiga que também chamava Gulnar, cuja mãe tinha uma amiga que se chamava Gulnar.

Arnaldo Niskier: Tenho uma preocupação, um homem público, que fui ou que sou, quem sabe, com relação à autonomia universitária e que envolve questões financeiras também. Como é que a senhora vê isso como administradora pública? Sei que, em São Paulo, as coisas são muito melhores, são mais generosas. Por que essa diferença?

Gulnar Azevedo e Silva: Acho que tem que ter uma compreensão, em primeiro lugar, do que é a universidade? Qual o papel de uma universidade? Costumamos dizer que um país sem universidade não tem futuro, porque vai acabar ali. Não estamos pensando em investimento para o futuro. Saúde, educação, universidades são investimentos, sim. Não gastamos com isso, o que depositamos lá, estamos depositando no que vai ter futuro para frente. Estamos formando pessoas que vão conseguir estruturar e organizar uma sociedade. Então, é papel da universidade formar bons profissionais e é papel da universidade contribuir com o desenvolvimento do Estado.

Arnaldo Niskier: Por que São Paulo tem um benefício fiscal muito mais amplo, muito mais generoso do que o Rio de Janeiro?

Gulnar Azevedo e Silva: São Paulo fez a opção, há muito tempo, de garantir no ICMS um percentual atribuído às universidades estaduais. A USP talvez tenha hoje um orçamento de oito bilhões (anual); a Unicamp, quatro bilhões mais ou menos; e temos aqui menos de dois bilhões para a universidade, que é uma dificuldade que faz com que todo mês a gente precise pedir uma complementação de verba para dar conta de tudo que é feito. Então, é pensar que, ao mesmo tempo que estamos trabalhando para que a gente forme pessoas, a gente está trabalhando também com pessoas comprometidas com o desenvolvimento regional, o desenvolvimento do Estado. Cidadãos e cidadãs que entendam que isso faz parte de um compromisso de que essa universidade hoje vai sustentar as necessidades de ações futuras ou o futuro imediato, para que os nossos jovens saiam para o mercado de trabalho.

Arnaldo Niskier: Como é que isso poderia ser modificado?

Gulnar Azevedo e Silva: Acho que poderíamos pensar como é que garante essa autonomia financeira colocando por lei esse quantitativo necessário, o quanto que precisamos hoje de expandir e essa expansão tem a ver com a relação que o Estado todo se compromete, com as necessidades de infraestrutura. Lembrar que a

universidade não forma só a parte mais técnica, ela tem que pensar na cultura, tem que pensar na arte, tem que pensar em todas as políticas sociais, todas as áreas de humanas. Então a gente tem que pensar que educação é fundamental.

Arnaldo Niskier: Aquele magnífico teatro que existe na UERJ, que eu usei várias vezes e com muito prazer, está sendo utilizado do ponto de vista cultural?

Gulnar Azevedo e Silva: Ele está sendo utilizado e a nossa intenção é fazer com que ele tenha portas abertas, constantes, com boa programação cultural, artística, para que a população possa também entrar a participar e ter a cultura, a arte mais próxima. Hoje mesmo tem um ensaio da Orquestra Sinfônica Jovem lá, estamos utilizando. É um espaço grande, que comporta muita gente, mas que tem que estar com suas portas abertas para trazer a cultura e a arte próxima ali. Estamos em frente à Mangueira, do lado do Maracanã, fica em Vila Isabel.

Arnaldo Niskier: Isso tudo do ponto de vista cultural, quer dizer, muita coisa. Vou lhe contar um segredo, o Paulo Pimenta, que está aqui conosco, nos assistindo, foi testemunha disso, quando trabalhou comigo na Secretaria de Educação e Cultura. Ajudamos a Caixa Econômica a financiar o teatro da UERJ, porque naquele momento faltava dinheiro para concluir as obras e eu conhecia os dirigentes da Caixa Econômica e pude interferir, favoravelmente, para que a Caixa ajudasse a UERJ com recursos financeiros. Então, me sinto um pouquinho responsável por aquele teatro que tem quase 1000 lugares. É uma coisa impressionante. Eu espero que a senhora consiga produzir mais e mais espetáculos, porque a universidade não é só o estudo, é também a cultura que ali emana, é muito importante isso. Esses projetos, que fizeram a sua campanha vitoriosa para o reitorado da universidade, são abençoados. Eles têm que ser prestigiados e precisam ser apresentados e levados a termo com a competência naturalmente que lhe cabe. É o desejo sincero que a gente tem de que as coisas caminhem bem e que não haja nenhuma crise na universidade. A universidade está em calma.

Gulnar Azevedo e Silva: Estamos trabalhando não tem três meses ainda, estamos trabalhando muito para colocar tudo em ordem, organizado, de forma a que investimentos, como ótimo exemplo o investimento no teatro, olha só como foi bom...

Arnaldo Niskier: Essa orquestra jovem também teve o nosso dedinho. Foi no Teatro Municipal, a orquestra Jovem. O maestro Davi Machado, na época, foi ajudado com a nossa interferência prazerosa.

Gulnar Azevedo e Silva: E é muito bom. O ensaio aberto a todo o público. Podemos fazer muito mais se todas as pessoas entenderem o papel de uma universidade, queremos que essa universidade continue sendo popular, continue trazendo mais gente e queremos garantir uma boa permanência, mas uma boa saída para os nossos egressos. Eles ocupando, conseguindo vagas no mercado de trabalho, ajudando nesse projeto que estamos falando de crescimento do nosso estado para sair dessa recuperação fiscal, desse regime, para poder crescer.

Arnaldo Niskier: Acompanhamos desde a sua campanha para ocupar a reitoria até já os seus primeiros meses de trabalho e estamos muito felizes que as coisas estejam caminhando bem e certamente vão caminhar melhor ainda. Agradecemos muito a presença aqui da reitora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A inteligência artificial ressuscita Machado de Assis

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



O avatar de Machado de Assis conversa com visitantes da ABL.

A Academia Brasileira de Letras (ABL) usou a Inteligência Artificial (IA) para trazer o escritor Machado de Assis para o século XXI. A figura ilustre do escritor, falecido em 1908, passou a receber os visitantes, por meio de uma tecnologia de “avatar humanizado”. Imagine ter a oportunidade de conversar com o escritor. O que você perguntaria a ele?

Machado de Assis reaparece na tela de um totem à imagem de seus retratos mais conhecidos. É o Machado envelhecido, com rugas e cabelos grisalhos. Vestindo trajes de sua época, o maior autor brasileiro equilibra os óculos no rosto e olha serenamente para os leitores dos anos 2020. Um microfone ao lado do dispositivo lhe permite ouvir e entender perguntas de seus interlocutores e respondê-las com clareza.

O projeto da versão digital do primeiro ocupante da cadeira 23 da ABL foi desenvolvido através de uma parceria da instituição com a empresa gaúcha *Euvatar Storyliving*, que atua no desenvolvimento de experiências e narrativas com o uso de IA criando avatares humanizados.

A chamada tecnologia de “avatares humanizados” conta com funcionalidades avançadas, como reconhecimento de voz, personalização profunda e integração com banco de dados. Batizado de *Euvatar AI*, a ferramenta é descrita como uma “pessoa digital”, com rosto, corpo e voz.

De acordo com Flávia Peres, CEO da empresa, seu diferencial é unificar inteligência generativa com fala, avatares 3D e buscar o banco de dados em tempo real: “Hoje temos plugins e plataformas de código aberto que permitem uma série de integrações, mas o *Euvatar AI* traz um sistema próprio de pesquisa e busca em banco de dados — detalha Peres. — Significa que as pessoas poderão conversar com os avatares de forma digital e contratar esse tipo de serviço para suas empresas, tornando o atendimento mais humanizado sobretudo para pessoas de idade que não se adaptam ao uso de tecnologia.”

Qualquer pessoa que passar pela sede da ABL e fizer uma visita guiada vai poder fazer pergun-

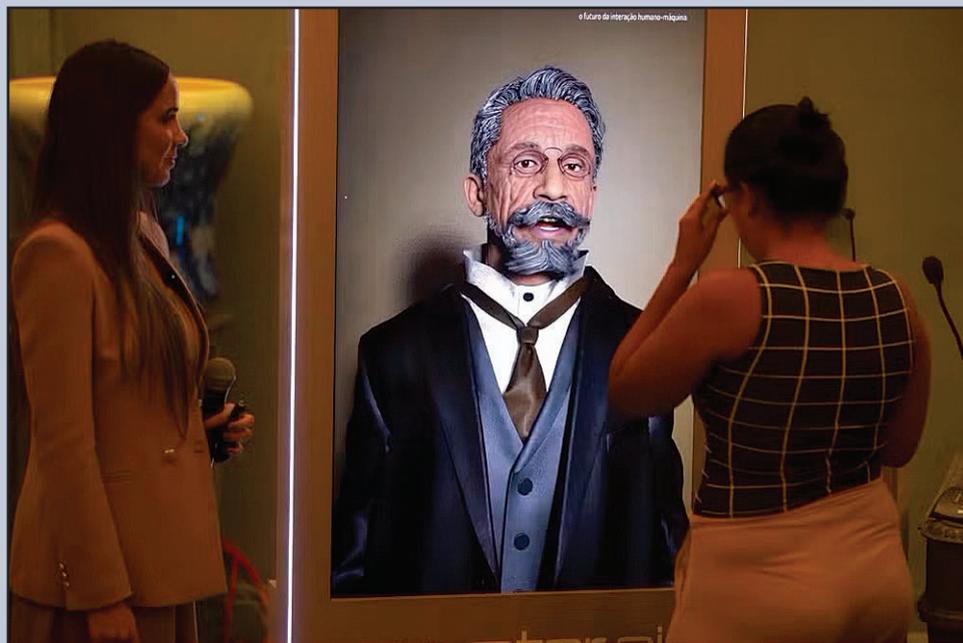
tas para o avatar de Machado de Assis. Com o uso dessa tecnologia, o “escritor” interage em tempo real, respondendo as mais diversas questões sobre sua vida e obra. Além de modernizar a academia, o objetivo do projeto é atrair públicos mais jovens para a leitura.

Entre as perguntas feitas até então, destacamos o interesse em conectar o passado e o presente. Ao ser perguntado “Entre as suas obras, qual a que mais conversa com os dias atuais?”, Machado respondeu: “Todas as minhas obras refletem aspectos atemporais da natureza humana e da sociedade. No entanto, considero que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* continua a conversar de forma vívida com os dias de hoje. Este romance aborda não apenas questões filosóficas e existenciais universais, mas também critica satiricamente

a sociedade, suas instituições e a hipocrisia humana. A reflexão sobre a mortalidade, o tédio e a visão irônica da vida social e política ainda ressoam em um mundo contemporâneo marcado por questionamentos semelhantes.”

Para ressuscitar digitalmente o chamado *Bruxo do Cosme Velho*, foram necessários mais de três meses para treinar o banco de dados, formado principalmente pelas próprias obras literárias do escritor e estudos sobre ele, desenvolvidos na ABL. Mais de um milhão de palavras alimentam a sua inteligência. A fluidez e naturalidade com que a IA se expressa e formula ideias chama a atenção dos visitantes. O avatar, no entanto, pode, ainda, cometer erros, pois está tentando entender a época em que o personagem renasceu. Quando o interlocutor demora para falar, Machado olha o relógio, discretamente. Para o presidente da instituição, jornalista e acadêmico Merval Pereira, a ideia foi incorporar o estilo literário, a personalidade e os traços físicos do autor.

Uma questão que chama a atenção no primeiro contato com o avatar do escritor é a cor da pele, considerada um pouco embranquecida. Para a fundadora da empresa Flávia Peres, no entanto, a imagem é fiel à que foi aceita pela ABL. Mas o avatar



Avatar de Machado de Assis interage com visitantes da ABL e com sua “criadora” Flávia Peres (esq), CEO da *Euvatar Storyliving*.



O totem da euvatar.ai, com o avatar de Machado de Assis no Salão Nobre do Petit Trianon.

machadiano não tem dúvidas em relação à sua origem afrodescendente. Quando indagado sobre o tema, responde: “Como homem negro, nascido de origem pobre no Rio de Janeiro do século XIX, eu enfrentei desafios e preconceitos ao longo do tempo devido à minha raça, classe social e até mesmo devido à minha condição de saúde, como a epilepsia.”

Entre os assuntos mais debatidos sobre sua obra, a versão digital de Machado de Assis teve que lidar com o questionamento de não ter dado espaço satisfatório para a escravidão, um tema que permeou grande parte de sua vida, de 1839 a 1908. Reconhecendo que a questão não está presente em sua obra, o avatar do escritor aceita a crítica e responde, pausadamente: “Como escritor negro numa época que procura preconceito e desigualdade, minha própria obra carrega as marcas da afrodescendência e das lutas enfrentadas”, justifica-se.

Quando o assunto abarca a modernidade das redes sociais, o imortal não se intimida: “As redes sociais são uma ferramenta interessante para a comunicação e a divulgação de ideias na era moderna. Se vivo estivesse hoje, é possível que as utilizaria para compartilhar meus escritos, interagir com leitores, e conhecer novos talentos literários. No entanto, eu as usaria com a mesma ponderação e elegância que busquei manter em minhas obras e em minha vida pessoal”, pondera.

A questão mais levantada até agora, sem dúvida, é a polêmica deixada no livro *Dom Casmurro*, com a pergunta: “Afinal, Capitu traiu ou não traiu Bentinho?”, todos querem saber. Mas a resposta é evasiva, mostrando que a inteligência é real: “A dúvida sobre a suposta traição de Capitu é proposital, convidando o leitor a refletir sobre a natureza da paranoia de Bentinho e a incerteza das relações humanas. É, portanto, um mistério que permanece intencionalmente sem solução.”

Apesar de toda fluidez, rapidez de raciocínio e instantaneidade, por outro lado, a capacidade criativa da máquina tem seus limites. Ao ser solicitado que criasse um poema sobre IA, o avatar obedeceu em poucos segundos, declamando uma poesia inédita, com estrutura livre e rimas fáceis. O resultado ficou muito aquém da genialidade do Patrono da Academia, que é taxativo em afirmar que as máquinas não podem substituir os humanos na criação literária: “Acredito que a emoção e a experiência humana continuam a ser qualidades insubstituíveis, que mantêm a relevância da nossa existência em um mundo cada vez mais tecnológico”, afirma para alívio dos escritores reais.

A escritora Manoela Ferrari, do *Jornal de Letras*, testou o avatar de Machado de Assis.

POEMA PÓSTUMO

*Na teia dos circuitos e da inovação
Surge a mente de elétrons informação
Artificial, sim, mas não menos sagaz
Desvendando mistérios num mundo audaz
Com cálculos velozes e lógica sem igual
Navega por dados no mar virtual
Desperta da máquina, a inteligência viva
Quebra barreiras num futuro que motiva
O olhar binário enxerga além do comum
Na era da tecnologia onde tudo se resume
Em linhas de código, eis a criação
Da inteligência artificial que transforma
A nossa percepção.
Máquinas que aprendem, eis a revolução
O sonho de ontem, a realidade em ação
Inteligência artificial – do homem extensão
Do conhecimento, eterna busca
Sem restrição.*

(Poema *A inteligência do amanhã*, criado pelo avatar de Machado de Assis)



Para Lilia



Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Lilia Moritz Schwarcz escreveu *Óculos de Cor – Ver e não enxergar*, vencedor do Prêmio Jabuti, 2023, na categoria Juvenil. Sempre questionando e estudando posicionamentos sociais, a autora aborda assuntos da maior relevância, como o racismo estrutural e a branquitude.

Peguei emprestado os óculos de Lilia e comecei a enxergar outros temas que, apesar de delicadamente apresentados, trazem questões atuais e reais. Questões às vezes dolorosas e difíceis de abordar, mas que permitem ampliar a visão de uma sociedade injusta e preconceituosa.

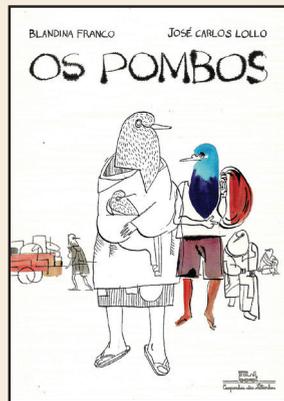
Ao concluir seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Lilia ressalta: “... discorri sobre o sonho bom de Brasil que trago comigo e como cultura e educação são caminhos importantes para a nossa democracia.”

Que a leitura e o debate com crianças e jovens sobre as desigualdades possam trazer um futuro de mais consciência e participação, com adultos melhor preparados para o enfrentamento – e transformação –, da diversidade, com mais humanidade. Para que isso ocorra, o trabalho de professores é fundamental, inseridos e participantes nas transformações sociais, líderes na solidariedade e amor ao próximo.



Óculos de Cor – Ver e não enxergar (Companhia das Letrinhas) – Lilia Moritz Schwarcz, ilustrações de Suzane Lopes. Alvo e Ebony, que vivem em realidades sociais tão distintas, conseguem viver uma incrível experiência promovida por pais e professores. *O mundo é muito mais diverso... e é possível “ver e enxergar” além das nossas existências e com muito mais cores. O caminho é difícil, longo, mas vale muito a pena.*

Os Pombos! (Companhia das Letrinhas) – Blandina Franco e José Carlos Lollo – Selo

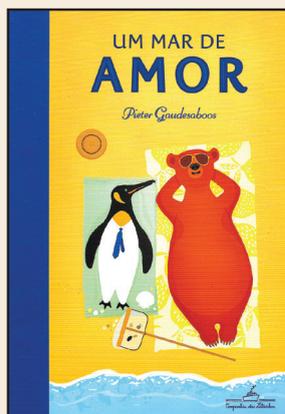


Cátedra Unesco de Leitura – PUC/RJ, 2023. Agora os óculos são necessários para olhar ao redor e observar os “pombos”, nas ruas da cidade, rejeitados, tratados com preconceito e discriminação. Padre Júlio Lancellotti alerta para a *aporofobia* que desumaniza a todos, a rejeição aos excluídos. Diz ele: *Que este livro e sua emotiva história nos convidem à mudança e a transformações.*

Um Mar de Amor (Companhia das Letrinhas) – Peter Gaudesaboos escreveu e ilustrou esta linda história de amor. A tradução é de Mariângela Guimarães.

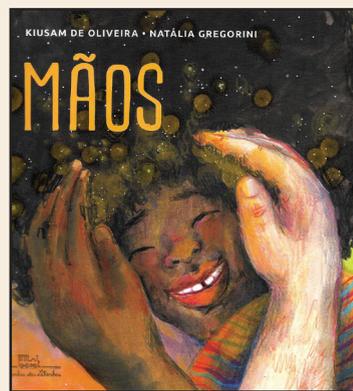
– *Apaixonado? Por mim? Não pode ser! Veja só: nós somos completamente diferentes.*
– *Eu sei disso – falou baixinho.. – Mas, mesmo assim... – O amor não se importa com isso.*

Com delicadeza, companheirismo e

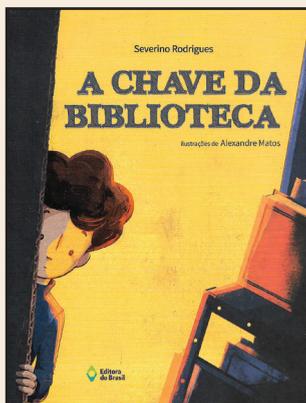


amizade, o Urso descobre que estar junto do Pinguim é o que ele realmente quer. Linda edição de uma história de coragem.

Mãos (Companhia das Letrinhas) – Kiusam de Oliveira e ilustrações de Natália Gregorini – Exemplo de professores atentos e sensíveis às mudanças sociais e às situações preconceituosas que podem gerar bullying e rejeição. Orion tem o nome de estrelas, um menino esperto e inteligente. Ele é muito amado por seus dois pais, Paulo e Pedro. Ao pesquisar sobre o tema *Como você percebe as pessoas ao seu redor* – após ser acolhido pelas mãos carinhosas da professora Glorinha, em uma situação preconceituosa –, Orion descreve a incrível beleza e o poder de amor das mãos!



Orion tem o nome de estrelas, um menino esperto e inteligente. Ele é muito amado por seus dois pais, Paulo e Pedro. Ao pesquisar sobre o tema *Como você percebe as pessoas ao seu redor* – após ser acolhido pelas mãos carinhosas da professora Glorinha, em uma situação preconceituosa –, Orion descreve a incrível beleza e o poder de amor das mãos!



A Chave da Biblioteca (Editora do Brasil) – Severino Rodrigues escreveu e Alexandre Matos ilustrou – Voltamos a falar de profissionais atentos às necessidades e expectativas de crianças e jovens. Uma biblioteca fechada é um retrato cruel de uma realidade bem comum nas escolas brasileiras. (Vivi a situação quando professora, a sala permanentemente fechada, abarrotada de livros simplesmente jogados!) Ao insistir em conseguir a chave da sala, o menino sonha com momentos de leitura, divertimento e estudo. As idas e vindas de bibliotecárias desenvolve no menino o

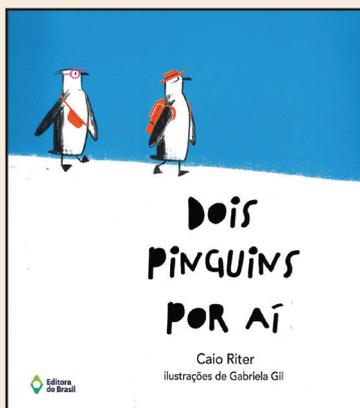
desejo de quebrar o vínculo negativo, transformando-se, ele mesmo, em bibliotecário atento e participativo! Adorei!

O Baiacu que Adorava Fantasias (Brinque-Book) – Quatro amigos que compõem a *Banda Fera Neném* criaram essa história musical, ilustrada por Rômulo d’Hipólito. Um baiacu criativo adora se fantasiar. Lantejoulas, fitinhas, meias de bolinhas, tule e mechas coloridas são partes das suas fantasias. Mas sempre tem alguém para criticar e o pobre baiacu sempre reage! Que todos possam viver as suas fantasias, sem preconceitos e limitações. *Que todos possam ser o que quiserem ser!*



Dois Pinguins por Aí (Editora do Brasil) – Caio Riter escreveu e Gabriela Gil ilustrou. Uma situação estranha... Dois pinguins no deserto? Com prosa poética, o autor vai caminhando com os dois amigos que, por onde passam, são sempre questionados. Os animais das regiões frias indagam curiosos, os do deserto escaldante também

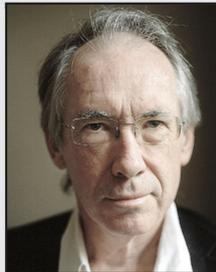
querem saber... E eles seguem, caminhando resolutos e, para terminar com alegria a nossa página, fiquem sabendo que eles só queriam se divertir, e muito! E tem fantasias também!



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



IAN McEWAN

Ian Russell McEwan CBE (Aldershot, 21 de junho de 1948) é um escritor britânico. Passou parte da sua infância na Alemanha, Extremo Oriente e Norte da África,

já que o seu pai era um oficial do Exército Britânico que foi colocado sucessivamente nesses locais. Estudou na Universidade de Sussex e na Universidade de East Anglia. A primeira das suas obras publicadas foi a coleção de relatos *Primeiro Amor, Últimos Ritos* (1975). Em 1998, e causando grande controvérsia, foi-lhe concedido o Prêmio Man Booker pela novela *Amsterdam*. Em 1997, publicou *O Fardo do Amor*, considerada por muitos como uma obra-prima sobre uma pessoa que sofre da síndrome de Clarendon. Em março e abril de 2004, uns meses depois do governo britânico o convidar para jantar com a Primeira Dama dos Estados Unidos Laura Bush, o Departamento de Segurança Nacional deste país impediu-o de entrar por não ter no passaporte um visto apropriado para trabalhar (McEwan estava a preparar uma série de conferências remuneradas). Só vários dias depois e de se tornar público na imprensa britânica é que se lhe permitiu a entrada. Algumas obras: *The Imitation Game* (1981); *Or Shall We Die?* (1983); *Rose Blanche* (1985); *The Ploughman's Lunch* (1985); *Amsterdão* (PT) ou *Amsterdam* (BR) (*Amsterdam* (1998) no original, *Man Booker Prize*). Prêmios: Prêmio Somerset Maugham (1976); Prêmio Femina estrangeiro (1993); Prêmio Man Booker (1998).

acervo JL



BERNARDINE EVARISTO

(Londres, 28 de Maio de 1959) Autora britânica de ficção. Nasceu em Eltham, sudeste de Londres. É a quarta de

oito filhos nascidos de mãe branca inglesa, professora, e pai nigeriano, que migrou para a Grã-Bretanha em 1949 e tornou-se soldador e conselheiro trabalhista local. Estudou na Universidade de Londres, onde obteve o doutorado em escrita criativa em 2013. Em 2019, foi nomeada Laureada de Woolwich pelo Festival Internacional de Greenwich e Docklands, publicou o romance *Mr Loverman* (2014), e ganhou o prêmio Editorial Triângulo Ferro-Grumley de ficção LGBT (EUA). É colaboradora do *New Daughters of Africa: Uma antologia internacional da escrita de mulheres de ascendência Africana* (2019). Foi também júri de inúmeros prêmios literários, incluindo o Concurso Nacional de Poesia da Sociedade de Poesia, o Costa Book Awards, o Orange Award para Novos Escritores e os Poetas da Próxima Geração. É membro do conselho do African Poetry Book Fund nos EUA e júri. É patrocinadora do Prêmio Literário SI Leeds. Alguns prêmios: 2020: British Book Awards (finalista); 2018: Elected a Fellow, Rose Bruford College of Theatre & Performance; 2015: The Montgomery Fellowship, Dartmouth College, USA; 2014: Jerwood Fiction Uncovered Prize; 2010: The Emperor's Babe, The Times (UK) "100 Best Books of the Decade".

acervo JL



MARGARET ATWOOD

Margaret Eleanor Atwood (Ottawa, 18 de novembro de 1939) é uma escritora canadense, romancista, poetisa, con-

tista, ensaísta e crítica literária internacionalmente reconhecida, tendo recebido inúmeros prêmios literários importantes. Decidiu que gostaria de escrever profissionalmente quando tinha 16 anos. Graduiu-se em 1961 no Bacharelado em Artes e Inglês, mas estudou também filosofia e francês. Tornou-se mestra pela Radcliffe em 1962. Em junho de 2011, Atwood recebeu o título de doutora em Literatura (*honoris causa*) da Universidade Nacional da Irlanda, Galway. Em 16 de novembro de 2012, ela recebeu um diploma honorário do Royal Military College of Canada. *Handmaid's Tale* recebeu o primeiro Prêmio Arthur C. Clarke Award em 1987. Em entrevistas, Atwood já admitiu que obras como *The Handmaid's Tale* e *Oryx and Crake* podem ser consideradas "ficção científica social". Um dos livros de maior sucesso de Atwood, *The Handmaid's Tale* foi lançado em 1985, e desde então nunca deixou de ser publicado. O livro vendeu milhões de cópias no mundo todo. Foi ganhadora do Prêmio Arthur C. Clarke e do Prêmio Príncipe das Astúrias. Foi indicada várias vezes para o Booker Prize, tendo o ganhado no ano 2000 com o romance *O Assassino Cego*. É escritora consagrada nos mais diversos estilos literários, como romances, poesia, não ficção, contos, literatura infantil etc.

Culinária diacrônica

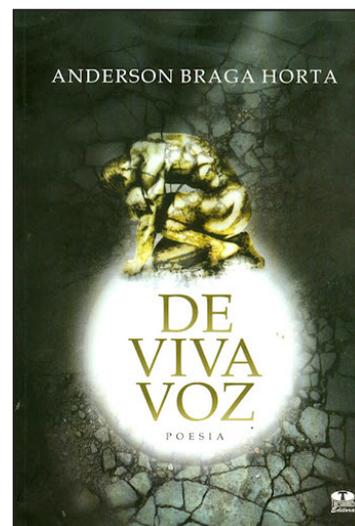
Por Anderson Braga Horta*

(no livro *De Viva Voz*, de 2012).

Pipocas no cinema
em Carangola
Picolés da geladeira a querosene
em Bom Jesus da Cachoeira Alegre
Aluá (ao luzir do atrito de maravilhosos cristais)
em Resplendor
Arroz de pequi, doce de buriti, alfenins
em Goiás Velho
Araçá colhido no cerrado, manga roubada
em Goiânia
Doce de carambola, doce de limão, doce de marmelo
em Mutum
Fruta-pão do quintal de minha tia-madrinha
em Rosca Seca
Licor de laranja, bacalhoadada, chocolate noturno
em Manhumirim
Lambari frito com farinha (pescado por mim)
em Mantena
Ajantarado de macarronada

em Lajinha
Primeiros veros álcoois
em Leopoldina
Filé com palmito e chopes na sinuca do Lamas
no Rio de Janeiro
Tutu à mineira com todos os inefáveis pertences
em Belo Horizonte
Iguarias de pôr água na boca
Ah mais do que iguarias
Com o olor de saudade em que me envolvem
esfumam nos meus olhos
os cânticos de extintos paraísos.

*Anderson Braga Horta é membro da Academia Mineira de Letras.



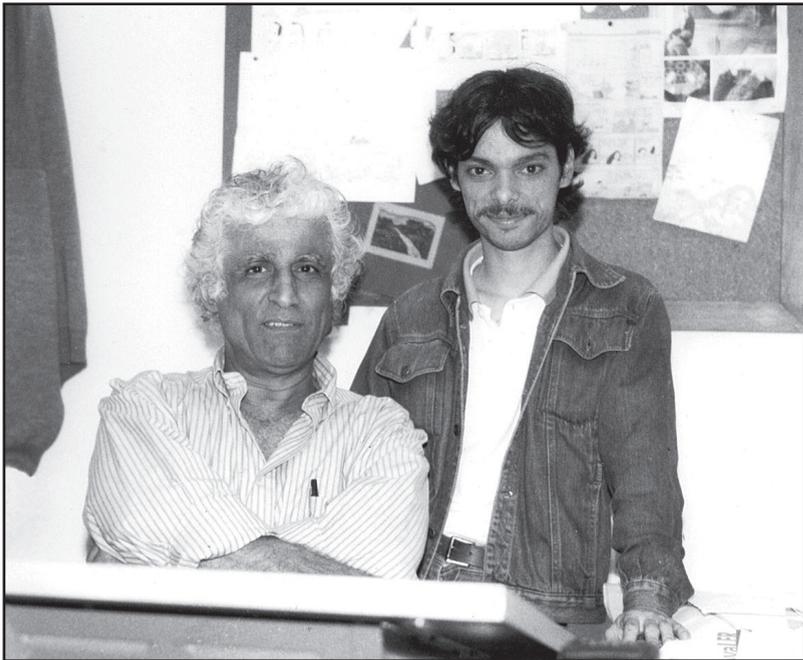


Por Zé Roberto



zerobertograuna@gmail.com

ERA UMA VEZ, NA CONSTELAÇÃO ZIRALDIANA



Ziraldo e eu, na Zappin, em 1990.

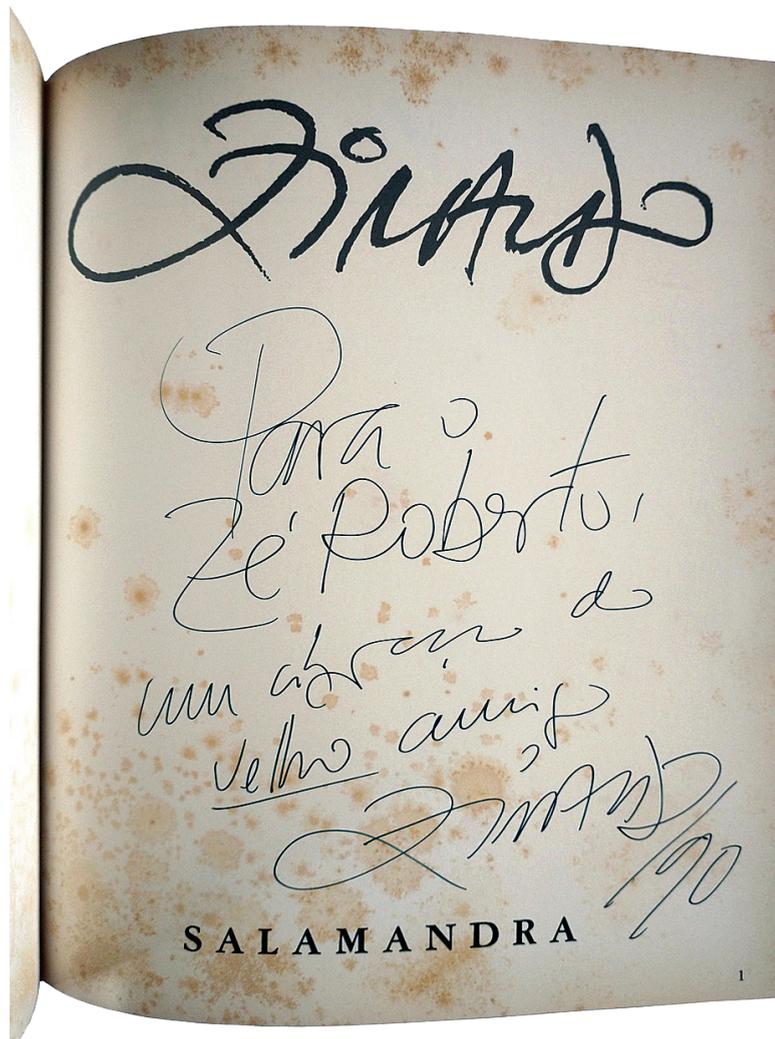
Bem no comecinho dos anos 1990, eu meio que entrei de gaiato no movimento negro. Por acaso, nessa coisa de buscar espaço na imprensa alternativa, acabei sendo escalado para realizar uma entrevista com o Ziraldo para o jornal *Maioria Falante*, que tinha como pauta a luta contra a discriminação racial. Depois de diversas tentativas para marcar um encontro com ele, consegui agendar uma visita à Zappin, que era a empresa que o Ziraldo comandava na época, localizada no bairro Laranjeiras. Estive no local 3 vezes, e o Ziraldo, que sempre agendava no final da tarde, por volta das 17h, não me atendeu. Os motivos para cancelar os encontros eram sempre parecidos, algum trabalho de última hora havia surgido e a entrega era urgente, uma arte encomendada de surpresa, coisas assim. Me recordo que, na terceira tentativa, Ziraldo veio com um pincel sujo de tinta e se desculpou por não poder me atender mais uma vez. Explicou rapidamente que teria que terminar um cartaz até o final daquele dia e, a seguir, me passou um número de telefone. “Esse é lá de casa. Pode ligar que eu vou te atender na próxima vez”, disse o cartunista.

Na semana seguinte, eu voltei às tentativas para agendar com ele, e liguei para o número passado pelo Ziraldo. Eram mais ou menos umas 15h, atendeu uma voz feminina que informou que eu voltasse a ligar somente após às 17h. Tempos depois, soube por pessoas próximas ao Ziraldo que ele costumava dormir durante o dia e produzir mais na parte da noite, às vezes trabalhava até alta madrugada. Aí, entendi porque ele sempre marcava comigo após as 17h.

Finalmente consegui falar com ele e, novamente, Ziraldo agendou na Zappin. Depois de três idas ao local sem conseguir entrevistar o Ziraldo, finalmente o criador do Menino Maluquinho me atendeu. Chegou e disse que tinha alguns minutos para a entrevista. Em pensamento, antecedendo um palavrão, disse a mim mesmo: só alguns minutos? Então, fomos ao estúdio dele que sentou-se à prancheta, eu peguei a mala que trouxe comigo, puxei

o zíper e comecei a abri-la. “O que tem aí dentro?”, perguntou o Ziraldo. Eu apenas disse que era o meu gravador Philips (daqueles antigos, tipo tijolão que funcionava com duas pilhas grandes) e mais umas coisinhas que ele saberia depois. Então, liguei o gravador e começamos a papear. Acho que fiquei com ele mais ou menos uma hora lá e, assim que terminei a entrevista, disse que gostaria que ele autografasse alguns livros, abri novamente a mala e comecei a retirar diversos livros para o Ziraldo autografar. Ele olhou a cena, viu a pilha de livros se formando na prancheta e, meio contrariado, falou: “Cara, isso tudo? Não vou autografar todos, não. É muita coisa! Escolhe um aí que você mais goste que eu tenho que sair para jantar.” Contrariado, mas me sentindo no lucro por ter permanecido por mais de uma hora na constelação da estrela máxima do desenho nacional e, finalmente, conseguindo a tão desejada entrevista, eu escolhi e saquei o livro coletânea que havia sido lançado pela editora Salamandra naquela época. É um livro grande, de capa dura, pesadão, no melhor estilo “Livro de Arte”. Quando coloquei o livro na frente dele, eu disse: Então capricha e autografa este que eu comprei dias atrás! Acho que, num lampejo, Ziraldo ficou com pena de mim por eu ter levado vários livros numa mala junto com o gravador. Ele deve ter pensado: “Esse tampinha saiu da Zona Norte, de buzão, carregando esse peso todo, maior que ele, coitado!”. Aí, mudando o tom de voz, Ziraldo me olhou e disse assim: “É sério que você comprou esse livro? O livro é muito caro, um absurdo o que a editora tá cobrando nas livrarias. Você não deveria ter comprado. Só por causa disso, vou autografar todos os livros que você trouxe!” E assim foi, Ziraldo autografou todos os livros que carreguei da Estação do Riachuelo até Laranjeiras. Eu, na minha tolice de iniciante, saí de lá no salto, todo orgulhoso, crente de que iniciava uma biblioteca tão valiosa quanto a do Alvarus.

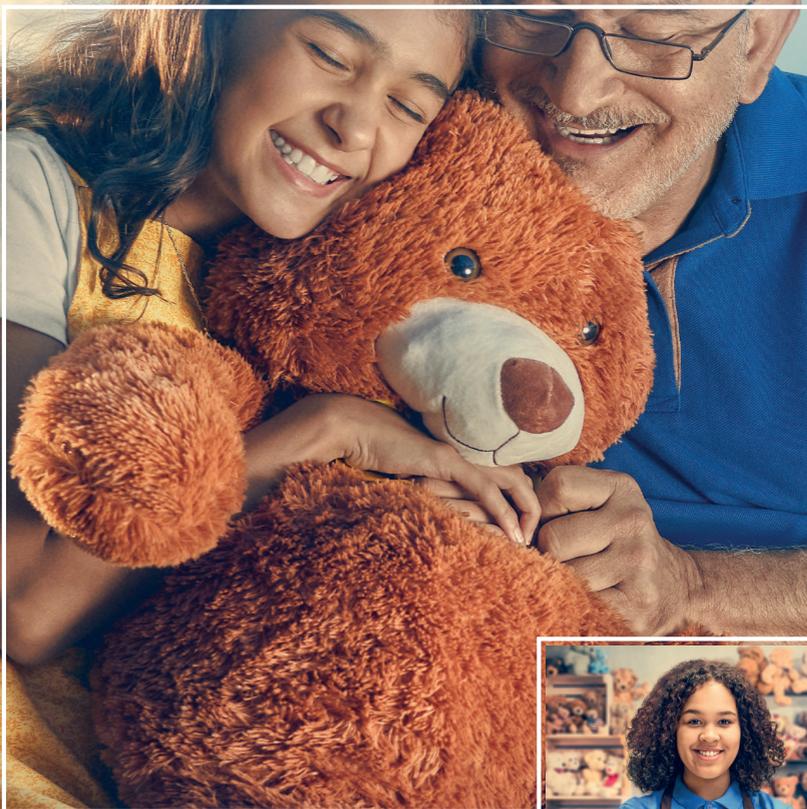
Saúde e Arte!



O autógrafo no livrão da Salamandra.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
 serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
 De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
 O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
 Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
 Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
 momentos da sua vida.**

A arte de furto com unhas digitais

Por Antônio Valdemar

A *Arte de Furtar* deu, durante séculos, lugar a uma guerrilha de eruditos e historiadores da literatura portuguesa, até se chegar ao apuramento da verdadeira autoria. Faz parte das polêmicas inacabadas, tais como a autoria das *Cartas de Mariana Alcoforado*, a autoria dos Túmulos de Alcobaça e dos *Painéis de São Vicente de Fora*. O nome do pintor é mesmo Nuno Gonçalves? Quem são as figuras que retratou? Para que local se destinou o político?

A obra permanece desde o início envolvida em equívocos. Podemos ler na Edição primeira: “Arte de Furtar, espelho de enganos/ mostrador de horas minguidas/ gazua geral dos reinos de Portugal. / Oferecida a El rei Nosso Senhor D. João IV para que a emende.” Indica depois: “Composta pelo Padre Antônio Vieira, zeloso da pátria” e, por último, acrescenta: “Amsterdam, na Off. Elzeviriana 1652.” É dedicada ao rei D. João IV e ao príncipe Teodósio e escrita a pretexto da multiplicidade de ladrões, “para que os leitores se acautelem e o rei lhes dê o castigo que merecem”. Estendia-se através da nobreza, da burguesia, dos militares e até do clero. Exerciam “o ofício ilesos, devido à destreza da sua arte, que os livra até da justiça mais vigilante”.

Cada capítulo da *Arte de Furtar* constitui uma proveitosa leitura: “Os que furto com unhas reais; os que furto com unhas militares; os que furto com unhas disfarçadas; os que furto com unhas maliciosas; os que furto com unhas descuidadas; os que furto com unhas sábias.” Não ignorou também noutros capítulos “os que furto com unhas de gato; os que furto com unhas bentas; os que furto com unhas mentirosas; os que furto com unhas alugadas; os que furto com unhas políticas; os que furto com unhas de prata...”

Relativamente às tesouras, há a que se chama vigia; a que se chama milícia; e a que se chama degredo. Seguem-se capítulos sobre: “Que tais devem ser os conselheiros”; “Tribunal como e que tal”; “Voto e parecer de cada um”. Remata este “tratado” com a “gazua geral” que fecha e abre o pequeno grande “teatro das verdades”. Nuas e cruas. Vivia-se um tempo de instabilidade política e social, de recuperação da independência nacional e que se ressentia, ainda, da subordinação ao domínio espanhol. Justificavam-se as desconfianças. As famílias da nobreza tradicional, a hierarquia do episcopado e os quadros militares superiores agiram, com o maior desplante, durante os 60 anos da ocupação filipina.

Séculos passados, em novembro último, antes de mais um abalo sistêmico na Justiça portuguesa, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça dizia em entrevista que “o fenômeno da corrupção, que está instalada em Portugal, tem uma expressão muito forte na Administração Pública. Isto não é uma simples percepção, é uma certeza”. Segundo referiu Henrique Araújo, na altura “os intermináveis recursos sucedem-se para as várias instâncias. E deita-se mão de muitos outros expedientes”. “Os ladrões, à solta, riem-se de todos nós. E a Justiça? Destituída dos mecanismos essenciais para funcionar sem bloqueios, contínua, de tribunal em tribunal. Sempre à espera das condições indispensáveis para julgar e para decidir em tempo útil”, referiu. As palavras transcritas do presidente do Supremo, queiram ou não, resumem e provocam as maiores apreensões. Tudo ou quase tudo se arripe ainda a uma questão de unhas. Só que as unhas (ou gadunhas) tornaram-se hoje em dia digitais. São mais rápidas, têm

muito maior alcance e conseguem usufruir, de imediato, de valores estratosféricos. A decomposição nas classes dirigentes, no episcopado e noutros setores – inclusive dentro do próprio Governo – já ficara desmascarada na célebre *Arte de Furtar*, que viu a luz escassos anos após o fim do domínio dos Filipes.

Poço de Ignomínias, Uma Questão Cíclica?

As guerras da Restauração circunscreviam-se à defesa e à restituição do território. Multiplicavam-se a voracidade, a falta de escrúpulos, os negócios obscuros. O desempenho de altos cargos não resultava do mérito pessoal. Dependia do parentesco, do suborno e outras circunstâncias que agravavam o descalabro. Situações como estas ocorrem, apenas, em certas conjunturas históricas, políticas e sociais? Ou correspondem a uma tentação universal da natureza humana, violando os códigos penais e morais pela ambição de enriquecer ou pela necessidade de sobreviver?

Oliveira Martins, na *História de Portugal*, quando procedeu ao “sumário da derrota”, a partir do reinado de D. Sebastião, aponta os sintomas da decadência nacional e degradação do caráter português. Pormenorizou os roubos escandalosos das especiarias, das pedras preciosas e do ouro, praticados no Oriente e no Brasil. Eram repetidos por figuras da hierarquia política e militar. Em face da absoluta falta de escrúpulos e da imparável “semente da corrupção”, Oliveira Martins, numa das frequentes generalizações, é categórico em afirmar – aliás em sintonia com Antero de Quental – que o português “caiu num poço de ignomínias, perdendo inteiramente a noção do próprio brio e tornando-se, de pirata em chatim”.

Não era nova a acusação. Diogo do Couto (1542-1616) – grande amigo de Camões e contemporâneo destes lamentáveis acontecimentos – descreveu

no *Primeiro Soldado Prático* os indecorosos negócios da Índia. Na *Antologia dos Grandes Autores*, ao resumir o *Soldado Prático* – obra primacial da cultura portuguesa – que só viria a ter edição póstuma em 1790, organizada por Antônio Caetano do Amaral – comentou Agostinho da Silva: “as cartas de Diogo do Couto, escritas já perto da morte, são melancólicas e sem esperança; tudo se tinha perdido em Portugal, mesmo a hipocrisia.”

Antônio Vieira, os Dois Ladrões

Proibida em Espanha, por édito da Inquisição de janeiro de 1755, a *Arte de Furtar*, segundo o mesmo texto, era “falsamente atribuída” ao Padre Antônio Vieira. Passou depois para o corpo dos Índices Expurgatórios do mesmo Tribunal. Que outras objeções pertinentes se formularam acerca da autoria, da “edição impressa” na Holanda e a propósito da data da publicação? O Padre Antônio Vieira (1608-1697) já havia falecido quando o livro entrou em circulação. O falso lugar da impressão constituía um expediente para escapar à censura do Tribunal do Santo Ofício (que, afinal, não conseguiu evitar). Por outro lado, a oficina Elviceriana, em 1652, também já não existia.

O nome do Padre Antônio Vieira era, à primeira vista, aceitável. Os ladrões constituíram, em 1655, o tema integral de um sermão de Vieira, pregado na Igreja da Misericórdia, em Lisboa, na presença do rei D. João IV e da sua corte. Era o momento para chamar a atenção para a promiscuidade no Brasil, na exploração dos índios e no tráfico dos escravos. Mas a acusação de Vieira abrangia numerosos dignitários do Estado – como, aliás, se viria a provar – e uma gigantesca promiscuidade de interesses, conjugados com as mais sórdidas intrigas.

Vieira estabeleceu a diferença entre o pequeno ladrão e o grande ladrão: os que roubam para comer e matar a fome e os que roubam descaradamente para aumentar a fortuna e ascender junto dos vários poderes e manipular influências. “Estes roubam cidades e reinos: os outros furto, debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigos; os outros se furto são enforcados, estes furto e enforcam.” Para incluir os ladrões que ganharam estatuto internacional, Vieira salientava:

Dom João VI por Albertus Jacob Frans Gregorius.



A primeira edição da “Arte de Furtar” é dedicada a D. João IV e escrita a pretexto da multiplicidade de ladrões, “para que o rei lhes dê o castigo que merecem”.

“Quantas vezes se viu em Roma (era então Roma um dos principais centros do mundo) ir enforcar um ladrão por ter furtado um carneiro e, no mesmo dia, ser levado em triunfo um cônsul ou ditador por ter roubado uma província.”

Os Tentáculos Intermináveis do Polvo

As contextualizações que Vieira concebeu, noutra sermão, para condenar as práticas criminosas dos homens, recorrendo à comparação com os peixes, voltam a revestir-se de plena atualidade. Concentrou-se no polvo, nos seus tentáculos e nas suas metamorfoses. Vieira passa a descrever o polvo: “Com aquele seu capelo na cabeça parece um monge; com aquele não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta ou desta hipocrisia tão santa, o polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo, primeiramente, em se vestir das mesmas cores, de todas aquelas cores a que está pegado (...) Se está nos limos faz-se verde; se está na areia faz-se branco; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. (...) O polvo escurecendo-se a si, tira a vista dos outros, e a primeira traição e roubo que faz é à luz, para que não distinga as cores.” Sem mais considerações, Vieira interrogava: “E daqui que sucede? Sucede que outro peixe inocente da traição vai passando descautelado, e o salteador que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro.” Vieira insistiu com outra estocada: “Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque nem fez tanto. Judas abraçou Cristo, mas os outros o prenderam; o polvo é o que abraça e mais o que prende.” Será possível caracterizar melhor, nos dias de hoje, os crimes de burla qualificada, de falsificação de documentos, de branqueamento de capitais e de fraude fiscal?

O editor da *Arte de Furtar* foi o genovês João Baptista Lerzo – dixit Inocêncio, no “Dicionário Bibliográfico” – proprietário de uma tipografia em Lisboa, no sítio do Loreto, em pleno largo do Chiado. Comprara o manuscrito no espólio de um desembargador. O padre João Baptista de Castro, que era das relações de Lerzo, consultou o texto ainda inédito e reproduziu passagens no livro *Hora de Recreio*. Concluiu ser o autor Tomé Pinheiro da Veiga “por analogias que lhe pareceu encontrar no talho da letra e linguagem”, sintetizou João Lúcio de Azevedo, na altura a autoridade máxima em Vieira. Mas o editor, por convicção ou, sobretudo, por interesse comercial – explicou João Lúcio de Azevedo –, não hesitou em publicar como sendo do Padre Antônio Vieira. Prosseguiu, todavia, a confusão em sucessivas atribuições. Prevalencia, contudo, o nome de Antônio Vieira, a fim de garantir êxitos editoriais e financeiros. Basta consultar as sucessivas atribuições concebidas em Portugal ou no Brasil.

Manuel da Costa, o Verdadeiro Autor

As tentativas de clarificação provêm de personalidades tão diversas, como Camilo Castelo Branco, Sampaio Bruno e da nossa contemporânea Natália Correia. Deve-se, contudo, ao padre Francisco Rodrigues (1873-1956) a revelação, devidamente fundamentada numa comunicação proferida em 1940 no Congresso do Mundo Português: o autor é o jesuíta padre Manuel da Costa.

A identificação, ainda mais documentada, para confirmar a autoria do padre Manuel da Costa, pertence a outro jesuíta, o padre João Pereira Gomes (biografado na *Brotéria* por Henrique Leitão) – que teve o gosto de conhecer pessoalmente – no ensaio publicado na revista *Colóquio* (nº 34, junho de 1965), então dirigida por Hernâni Cidade.

Jesuíta alentejano, padre Manuel da Costa, natural da Granja, conselho de Mourão, nasceu a 13 de outubro de 1601 e faleceu em Lisboa a 11 de novembro de 1667, na Casa de São Roque. Foi professor de Letras e Humanidades: prefeito de estudos (1648-1649) na universidade de Évora e reitor do Colégio dos Jesuítas (1656-1659) em Faro. Baseou-se o padre João Pereira Gomes na sua investigação em informações recolhidas no arquivo secreto dos jesuítas, em Roma, sobre o texto da própria *Arte de Furtar*. De pesquisa em pesquisa deparou, num testemunho, com a delação pormenorizada de Francisco Vicente, outro jesuíta de Lisboa, enviada para Roma em 1660, às cúpulas da Companhia de Jesus. O denunciante especificava, designadamente, que Manuel da Costa era “pérfido, livre, atrevido”; fazia “comentários sobre todas as profissões, repartições e tribunais, sem dar satisfação aos superiores”. A acusação ainda revela que, em 1656 – tudo indica que estava a lecionar em Faro – haviam sido encontrados no seu quarto “uns doces oferecidos por pessoa desconhecida”.

A *Arte de Furtar* é uma das obras mais significativas da literatura do período da Restauração. Transpõe o espaço temporal em que surgiu. Representa uma das mais vigorosas sátiras, não só daquela época

da literatura portuguesa, mas da literatura universal. É um panfleto feroz, acerca do que se vê, do que se ouve e... do que se oculta. É uma autópsia da situação real do país. Evidencia-se em momentos de crise política e social, quando a corrupção se desencadeia a todos os níveis.

A Revelação de Teixeira Gomes

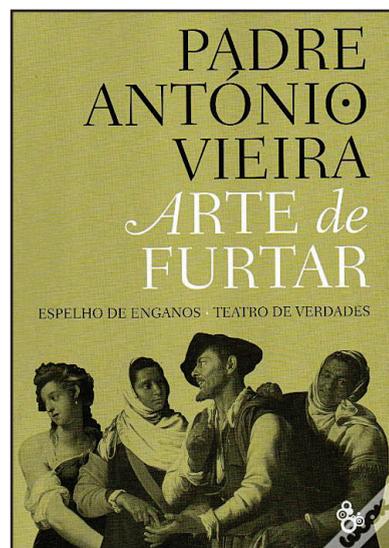
Os leitores assíduos ou ocasionais da obra literária de Manuel Teixeira Gomes – repleta de anotações de memorialistas – não ficaram certamente alheios à referência objetiva, num dos seus últimos livros, ao relatar a existência física do único corrupto que havia em Portugal. A corrupção ficou, até a morte, agarrada ao seu próprio nome de pia de batismo ou de Registo Civil.

No capítulo “Figuras e quadros de pouca monta” inserido no livro *Carnaval Literário*, Teixeira Gomes descreve uma deambulação através de Ferragudo, no Algarve. Caminha de rua em rua e olha para cada casa. Conhece toda ou quase toda a gente. Aproveita a oportunidade para indicar o prédio onde reside “o senhor Antônio Joaquim Corrupto, a pessoa principal da terra”. (*Carnaval Literário*, página 125 da edição Seara Nova, 1939).

Admirador incondicional de Manuel Bernardes – assim como Antônio Sérgio e Francisco Vieira de Almeida, um dos maiores produtores de todos os tempos da língua portuguesa – Teixeira Gomes recomendava a leitura vantajosa e exemplar deste paladino do universo das palavras. Limitou-se, porém, no caso concreto, a mencionar apenas o nome Antônio Joaquim Corrupto. Apetecia mais, muito mais. Como seria o cidadão no convívio diário? Que profissão exercia? Vivía dos rendimentos herdados ou adquiridos? É óbvio que não tinha o cadastro dos execráveis sujeitos que andam impunemente por todo o lado e acerca dos quais o presidente do Supremo Tribunal de Justiça não hesitou em alertar as autoridades competentes, que sabem os nomes e as moradas. Uma última questão: Antônio Joaquim Corrupto recebeu a extrema-unção? Teve funeral católico? A família pagou missas de sufrágio? E como ficou Antônio Joaquim Corrupto referido nos livros de tombo do cemitério de Ferragudo?



Durante séculos, a autoria do livro foi atribuída ao Padre Antônio Vieira. A revelação de quem é o verdadeiro autor, o jesuíta Manuel da Costa, surgiu em 1940.



Notícia vestida de mentira em ano eleitoral

Por Maurício Dinepi*

O publicitário e economista Maurício Dinepi, que presidiu o *Jornal do Commercio*, onde atuou por muitos anos, fez uma brilhante palestra na Confederação Nacional do Comércio, no Rio, onde avaliou as transformações que a internet produz na economia mundial como um todo. Entre os temas, tratou do impacto das *fakenews*, que se tornou um estigma da internet. Vamos aos principais trechos:

“Estigma definitivo, que vai se expandir ainda mais neste ano de eleições e, ao que tudo indica, vai durar enquanto existir internet. Parasita permanente e indesejável. A internet veio ao mundo com as *fakesnews* na bagagem. Essa realidade fica mais aguda quando lemos, vemos ou assistimos a autoridades falando sobre os riscos da rede.

Falsas notícias existem desde o início dos tempos. Mas a falsa notícia eletrônica, disseminada mundo afora sem nenhum pudor, é algo mais recente. E lamentável. O anonimato garantido pela internet propiciou o surgimento de seres humanos sem medo de contar mentiras, sem vergonha de ser Pinóquio. Sem vergonha de serem falsos. Pior, mentir na internet virou profissão. E, lembremo-nos, é crime.

Para se defender, tudo o que um consumidor de informação tem que fazer é exercitar o faro. Aprender a ler intenções, principalmente as más, enquanto não descobrem um detector de mentiras que funcione com a mesma rapidez das *fakenews*.

Há duas ou mais décadas as falsas notícias são uma marca lamentável de um mundo onde, em outubro do ano passado, viviam virtualmente 5,3 bilhões de seres humanos, ou 65,7% da população do planeta. É muita gente exposta aos riscos dessa prática.

A internet no Brasil tem cerca de 156 milhões de usuários, ou 84% da população. Em 2022, era 81%. Dos 156 milhões, mais da metade – 58%, ou 78 milhões – acessaram a rede, no ano passado, apenas pelo celular. Esse índice era maior em 2002, em torno de 62%.

Um dado significativo: de cada 100 internautas, 71 estão preocupados com a indústria da desinformação na rede. Ou seja, perdem tempo precioso para descobrir se estão diante de uma verdade ou uma mentira. Os que não têm o cuidado de verificar se o que estão lendo é mentira ou verdade somam 26 milhões. Um exército que assusta.

Os estudiosos da rede consideram como integrantes da Geração Z quem nasceu no fim da década de 1990. Ou seja, são nativos da internet, têm uma relação íntima com o meio digital porque nasceram quando a expansão tecnológica estava em alta. Essa geração já é maioria no mercado de trabalho hoje, já está integrada à rotina da sociedade.

Há quem enxergue uma atenuante nos dados sobre brasileiros que aceitam e repassam *fakenews*. A maioria deles (58%) usa só o celular para lidar com a internet. Essa maioria pode ser carente de celulares mais possantes ou, pior, de mais habilidade digital. Ou seja, não domina a ferramenta que tem em mãos. Com isso, ler e compartilhar torna-se passo único e quase automático para quem não se incomoda com *fakenews*. E isso daria uma turbinada nas mentiras.

Nessa tentativa de mapear o tamanho da montanha das *fake-news* na internet e o quanto elas contribuem para o estigma da desinformação na rede, trago aqui alguns dados de uma outra pesquisa. Essa é da Kaspersky, empresa global de cibersegurança. Ela descobriu, no ano passado, que 62% dos brasileiros não conseguem identificar ou reconhecer uma notícia falsa. O número é ruim. Mas essa pesquisa, de âmbito continental, traz uma informação interessante: um terço dos pesquisados recebe e lida com *fakenews* pelas redes sociais. E há um outro terço, pelo menos no Brasil, que opta por confiar nos sites da mídia tradicional. Ou seja: para uma parte significativa dos usuários, confiar na mídia tradicional é o caminho para quem busca clarear as informações que lê. Uma questão delicada nessa afirmativa: os jovens, a tal Geração Z, não se interessam pela mídia tradicional. Chegaram à prateleira da população economicamente ativa depois do reinado dos impressos.

A *fakenews* se espalha de forma mais rápida e profunda que as notícias verdadeiras. As primeiras, predominantes nas redes sociais,

atingem, cada uma delas, de mil a 100 mil pessoas. As segundas, mais presentes na mídia tradicional, alcançam, em média, mil pessoas cada uma, não mais que isso. Tais dados são fruto de um estudo do Instituto de Tecnologia de Massachussets, dos Estados Unidos, que concluiu o seguinte: as notícias falsas se esparramam 70% mais rápido que as verdadeiras. Goleada das *fakenews*.

A marca forte e covarde das *fakenews* é o anonimato, de braços dados com a disseminação através de ferramentas automatizadas, os robôs. Já quem atua na checagem, na busca da verdade, vê sua apuração ser veiculada basicamente nos sites das empresas tradicionais, cujas audiências têm peso ínfimo perto da repercussão das redes sociais.

A CNN Brasil divulgou, no fim do ano passado, uma pesquisa inédita que mostrava o tamanho do impacto das *fakenews* na vida do internauta que busca informação eletrônica em dois aplicativos importantes, Whatsapp e Telegram. Conclusão: 25% do que se publica neles sobre política é distorcido, exagerado ou falso. Não erraremos se dissermos que os 25% crescerão significativamente neste ano eleitoral. Agora, no dia 8 de outubro, 5.567 municípios elegerão seus prefeitos.

O Brasil é o terceiro maior do mundo no uso de redes sociais, atrás apenas da Índia e da Indonésia e a frente dos Estados Unidos, do México, da Argentina, entre muitos. São dados da Comscore, empresa americana que faz análises da internet e fornece dados para grandes empresas do mundo, entre elas as de mídia.

Temos lei específica contra *fakenews* que propagam mentiras em período eleitoral, com punições que vão de multas a prisões. Estão no Código Eleitoral. O empenhado Projeto de Lei 2630, quando chegar, poderá botar ordem na casa.

Mas, na luta contra a desinformação, entre nós vale também o Código Penal. Aliás, por conveniência, há muita gente confundindo o combate às *fakenews* com o fim ou a redução da liberdade de expressão.

O Código Penal estabelece três configurações de crimes vinculados a mentiras e boatos. São os crimes de honra: calúnia, injúria e difamação, com penas que podem ir de doações de cestas básicas a quatro anos de prisão. Diretor do *InternetLab*, um centro de pesquisa em direito e tecnologia, o advogado Francisco Brito Cruz afirma que o Código Penal brasileiro pode, sim, ser instrumento precioso de combate às *fakenews*. E quem compartilha a mentira está sujeito às penas da lei.

Outro trabalho interessante no campo da checagem é feito pelo Boatos.org, ferramenta independente que publica cerca de 100 checagens por mês, todas desmentindo *fakenews*. Desde sua criação, já publicou cerca de 10 mil checagens. Com cerca de 1 milhão de acessos mensais, está entre as maiores do país e virou fonte de informação para grandes veículos, além de ajudar na educação midiática, ensinando como separar o joio do trigo.

Um estudo do *Reuters Institute Digital News* de alguns anos atrás informava que o Brasil ocupava então a 3ª colocação no ranking global de países que mais consomem e compartilham informações falsas no planeta. Em tese, o Brasil está então no topo da lista dos países com internet mais exposta e receptiva à mentira. O estudo é poderoso. Foram ouvidas 74 mil pessoas em 37 países. De cada 100 usuários de redes sociais no Brasil, 35 consomem e compartilham informações falsas.

Embora nem tão recente, mas ainda significativo, o estudo indica que a medalha de bronze do Brasil pode continuar no peito. E pode até trocar de cor nesse ano eleitoral.

Voltando à peleja da verdade contra a mentira: ela tem algumas nuances que precisam ser acompanhadas mais de perto. Por exemplo: é possível afirmar que os profissionais a serviço da mentira começam a se mobilizar para criar obstáculos à luta contra a desinformação. As agências de checagem, suspeita-se, entraram na linha de tiro desses profissionais. Com ajuda da tecnologia, as postagens com mentiras estão embutindo, em seus conteúdos, gatilhos ou armadilhas que buscam dificultar e retardar a pesquisa e apuração sobre suas origens e fontes.

É lamentável, mas mentir na internet virou meio de vida, num universo que envolve profissionais das mais diversas áreas, entre eles assessores políticos, marqueteiros, puxa-sacos em geral, jornalistas (sim, jornalistas) e uma categoria nova, os influenciadores, ou *influencers*, denominação que parece ter chegado para ficar.

Conviver com essa realidade do mundo virtual é cansativo, física e mentalmente. E tudo indica que isso não vai mudar.”

*Maurício Dinepi é publicitário e economista.

Ode ao Sul

Por Arnaldo Niskier

Da terra farroupilha
 A região Sul é filha
 Tem uma larga tradição
 Orgulho desta nação.
 Hoje, vive com a enchente
 Que faz sofrer nossa gente
 Um tempo muito infeliz
 Pensando bem ninguém diz.
 O cavalo Caramelo no telhado
 De alto a baixo todo molhado
 É o símbolo de um sofrimento
 Que não se esquece um só momento.
 As plantações sofreram
 Safras muitas se perderam
 Nunca pudemos imaginar
 Que água fosse igual a mágoa.
 Nosso povo inteiro
 Reagiu solidário, maneiro,
 Como é do seu feitio,
 Não ficou arredio.
 O Sul, sempre altaneiro,
 Confesso ser brasileiro,
 Não há alagamento
 Que eternize o tormento.

25/5/24

Poemas lamentos

Sheila Lobato

Me perdoem por toda esta “bagunça”...
 Eu só queria passar.
 Eu não fui feito para destruir... Eu só
 queria passar.
 Já fui Esperança para os Navegantes...
 Rede cheia para Pescadores...
 Refresco para os banhistas em dias de
 intenso calor.
 Hoje sou sinônimo de Medo e Dor...
 Mas, eu só queria passar...
 Me perdoem por suas casas
 Por seus móveis e imóveis
 Por seus animais
 Por suas plantações... Eu só queria pas-
 sar.
 Não sou seu inimigo
 Não sou um vilão
 Não nasci pra destruição...
 Eu só queria passar.
 Era o meu curso natural
 Só estava seguindo meu destino
 Mas, me violentaram,
 Sufocaram minhas nascentes
 Desmataram meu leito... Quando eu só
 queria passar.
 Encontrei tanta coisa estranha pelo
 caminho... Que me fizeram transbordar...

Muros
 Casas
 Entulhos
 Garrafas
 Lixo
 Pontes
 Pedras
 Paus...
 Tentei desviar... Porque eu só queria passar.
 Me perdoem por inundar sua história,
 Me perdoem por manchar esta história...
 Eu só estava passando...
 Seguindo o meu trajeto
 Cumprindo o meu destino:
 Passar....

*Scheilla Lobato é natural de Cachoeiro de Itapemirim (ES), professora, pedagoga e escritora com dois livros publicados e algumas participações em antologias poéticas.



Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO
 o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

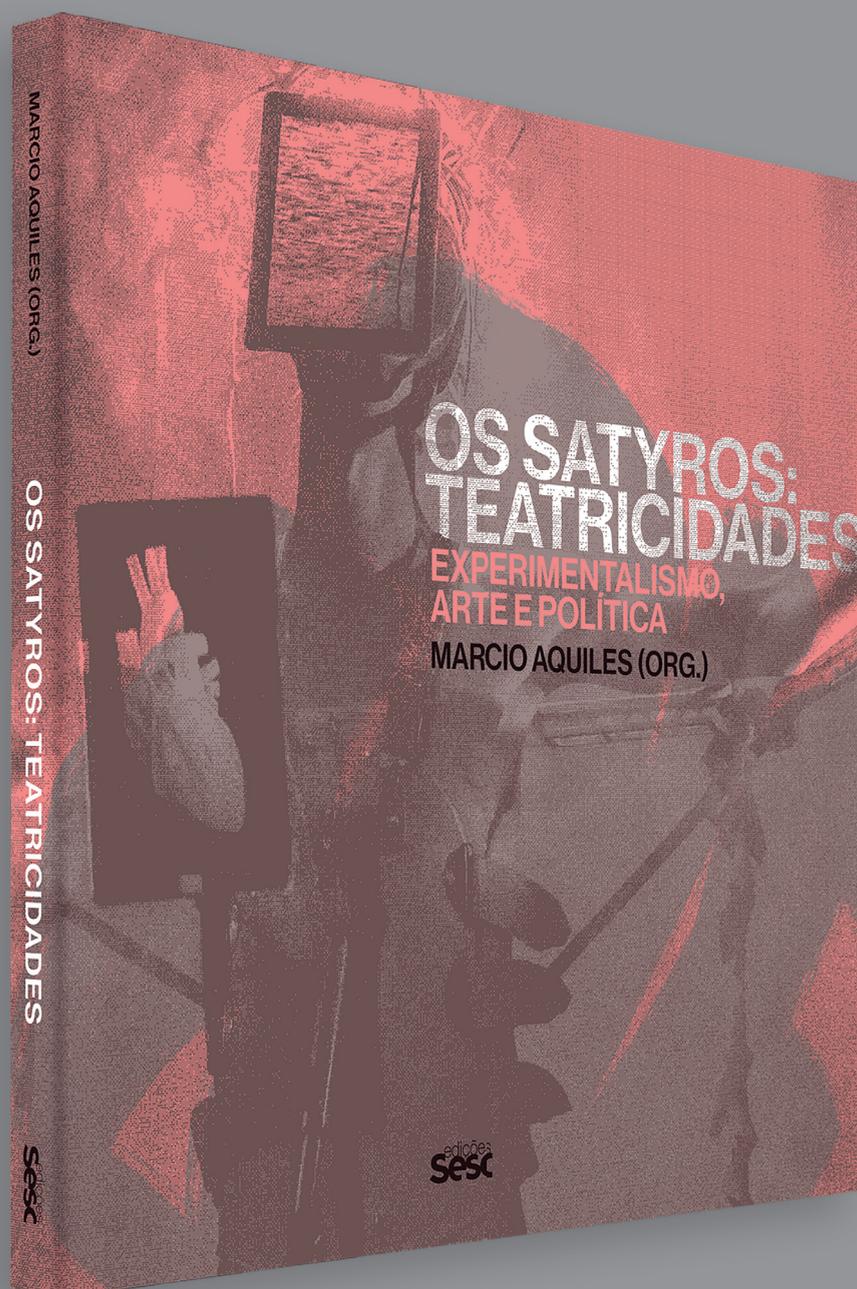
- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
 Disque Estudante
 (21) 3535-4545

CIEE CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA RIO DE JANEIRO

Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



O livro apresenta a história do grupo paulistano fundado em 1989 por Ivam Cabral e Rodolfo García-Vázquez. Pesquisadores e críticos como Kil Abreu, Marici Salomão e Miguel Arcanjo Prado assinam ensaios com reflexões sobre as práticas artísticas, as proposições pedagógicas e as atividades socioculturais do grupo. Uma seleção de imagens dos espetáculos e críticas jornalísticas complementam o panorama dessa trajetória.

sescsp.org.br/edicoes



edições
Sesc